



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MARIA LUIZA BRITO SOBRAL

CONIC E CONJUNTO NACIONAL DE BRASÍLIA: MORFOLOGIA E APROPRIAÇÕES

BRASÍLIA

2020



MARIA LUIZA BRITO SOBRAL

CONIC E CONJUNTO NACIONAL DE BRASÍLIA: MORFOLOGIA E APROPRIAÇÕES

Relatório final de pesquisa de iniciação científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Sávio Tadeu Guimarães

BRASÍLIA

2020

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Sávio Guimarães, pela orientação desta pesquisa, e ao aluno Lucas Albuquerque, pela concepção parcial do tema da pesquisa.

RESUMO

Planejados como pontos centrais da cidade de Brasília, o Setor de Diversões Sul (SDS) e Setor de Diversões Norte (SDN) foram pensados como duas áreas idênticas, com o mesmo uso e a mesma tipologia de edificações. Porém, esses dois setores foram se diferenciando até chegaram ao que são hoje: Espaços esteticamente diferentes, frequentados por grupos distintos e vistos pela maioria dos brasilienses de formas opostas. Diante dessa questão, esta pesquisa buscou compreender como essa disparidade entre os dois setores se deu. Por comporem a cidade de Brasília, capital do país e patrimônio cultural, a pesquisa traz uma importante contribuição acadêmica acerca dos espaços da capital. Além disso, o trabalho se mostra necessário por gerar estudos sobre um *shopping center* - o Conjunto Nacional, no SDN - , local pouco analisado academicamente. O estudo do Conic (conjunto de edifícios que compõe o SDS) também confere necessidade ao trabalho, cujas análises possibilitam um novo olhar para esse espaço, que acabou se tornando estigmatizado na cidade. Para fundamentar a pesquisa, foram utilizados autores que estudaram o espaço urbano e arquitetônico e suas diversas apropriações: Bruno Zevi, Francis Ching, Gordon Cullen, Kevin Lynch e Roberto Lobato Corrêa. Cada autor observa o espaço sob uma visão diferente, o que possibilitou a análise do SDS e SDN sob diversas perspectivas. Além dos autores, o histórico do Conic e Conjunto Nacional também foram estudados, para que se compreendesse como os edifícios se tornaram o que são hoje. Perante o exame da morfologia e apropriações do Conic e do Conjunto Nacional sob a visão dos autores citados e com o histórico dos setores como base, os edifícios foram analisados e comparados. Feitos os estudos e as comparações dos espaços analisados, conclui-se que as formas do Conic e Conjunto Nacional são semelhantes: a tipologia e a forma básica são as mesmas, porém elementos como fachadas, implantação e entorno se diferem. A circulação interna do shopping é mais coesa e clara, enquanto que a do Conic é labiríntica, já que esses espaços se deram de forma não planejada, mas como um negativo da área dos prédios que compõem o SDS. O contexto histórico e os atores que participaram da concepção dos setores se diferem, o que gerou uma visão oposta entre os dois espaços. Diante de tais questões, o Conjunto Nacional é visto, no geral, de forma mais positiva que o Conic. Porém, atualmente grupos buscam revitalizar e criar uma nova identidade para o local. Com uma renovação não somente de infraestrutura, mas de significado, será possível aproximar os dois setores.

Palavras-chave: Conic. Conjunto Nacional de Brasília. Setor de Diversões Sul. Setor de Diversões Norte. Brasília.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1:** Imagens ilustrando formas subtrativas, aditivas, centralizadas, lineares, radiais e aglomeradas, respectivamente. Fonte: CHING, Francis D. K.. Arquitetura: Forma, espaço e ordem. 1998. Adaptado.**P.15**
- Imagem 2:** Imagens de Los Angeles derivadas de entrevistas . Fonte: LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. 1960.**P.18**
- Imagem 3:** Croqui ilustrando o conceito de “Aqui e Além”. Fonte: CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. 1983.**P.19**
- Imagem 4:** Mapa das Escalas predominantes. Fonte: SEDUMA/GDF. 2010.**P.25**
- Imagem 5:** Esquema do Plano Piloto. Fonte: Vizinhança 416 Norte. 2015.**P.27**
- Imagem 6:** Recorte do Jornal de Brasília de 05/04/1983. Fonte: REZENDE, 2014.**P.32**
- Imagem 7:** Esquema dos usos dos primeiros edifícios do SDS.Fonte: REZENDE, 2014.**P.33**
- Imagem 8:** Evento no Conic organizado pelo coletivo Dulcina Vive. Foto: Correio Braziliense.**P.35**
- Imagem 9:** Anúncio da inauguração do Conjunto Nacional, em 1971. Fonte: Correio Braziliense.**P.36**
- Imagem 10:** Nauro Esteves. Fonte: GARCIA, Cristiana Mendes. Construindo Brasília. 2010.**P.38**
- Imagem 11:** O átrio, comum em shoppings, permite a estrutura panóptica. Foto: Globaltec.**P.39**
- Imagem 12:** Fluxo entre o Conjunto Nacional e a Rodoviária de Brasília. Foto: Flavio Cavalcanti.**P.40**
- Imagem 13:** Fachada do Conjunto Nacional em 1971. Foto: Correio Braziliense.**P.41**
- Imagem 14:** Os 15 prédios do Conic e suas fachadas. Foto: Agenda Capital.**P.42**
- Imagem 15:** As três tipologias de fachada do Conjunto Nacional. As fachadas laterais têm as mesmas características. Foto: Ancar Invoe e Google Maps. Adaptado.**P.43**

Imagem 16: Interior do Conjunto Nacional de Brasília. Foto: Comércio Brasília.	P.44
Imagem 17: Imagem 17 - Ruas do Conic. Foto: Giovanna Bembom.	P.45
Imagem 18: Linhas horizontais compõem ambos edifícios. Foto: Giovanna Bembom e Lainha Loiola. Adaptado.	P.46
Imagem 19: Conjunto Nacional assentado sobre seu plano solo. Foto: Google Maps.	P.47
Imagem 20: Conic integrado com o plano solo. Nota-se que a fachada voltada para o Eixo W é, na realidade, mais um pavimento dos edifícios integrados com o solo. Foto: Google Maps. Adaptado.	P.48
Imagem 21: Planos das paredes do Conjunto Nacional. Foto: Jornal de Brasília. Adaptado.	P.49
Imagem 22: Planos das paredes do Conic. Foto: Agenda Capital. Adaptado.	P.50
Imagem 23: Planta baixa térrea do Conic. Fonte: REZENDE, 2014.	P.51
Imagem 24: Planta baixa térrea do Conjunto Nacional. Fonte: SOBRAL, 2020.	P.52
Imagem 25: Planta baixa do 1º pavimento do Conjunto Nacional. Fonte: SOBRAL, 2020.	P.53
Imagem 26: Planta baixa do 2º pavimento do Conjunto Nacional. Fonte: SOBRAL, 2020.	P.54
Imagem 27: Demonstração artística no Conic. Foto: CUT Brasília.	P.55
Imagem 28: Inauguração do Conjunto Nacional nos anos 70. Foto: Correio Braziliense.	P.56
Imagem 29: Placas indicativas no Conjunto Nacional. Foto: Google Maps.	P.57
Imagem 30: Praça do Chapéu. Foto: Airton Costa Junior.	P.58
Imagem 31: Fosso do Edifício Darcy Ribeiro. Foto: Rogério Rezende.	P.59
Imagem 32: Praça de Alimentação do Conjunto Nacional. Foto: Olavo Luiz.	P.60

Imagem 33: Área central do Conjunto Nacional decorada para o natal. Foto: Conjunto Nacional.	P.61
Imagem 34: Mapa do percurso no CNB analisando a visão sequencial. Fonte: Maria Luiza Sobral.	P.62
Imagem 35: Visão sequencial no CNB. Fotos: Maria Luiza Sobral.	P.63
Imagem 36: Mapa do percurso no Conic analisando a visão sequencial. Fonte: REZENDE, 2014. Adaptado.	P.64
Imagem 37: Visão sequencial no Conic. Fotos: Google Maps. Adaptado.	P.65
Imagem 38: Aqui e Além no Conic. A área verde representa o “Além”. Foto: Google Maps. Adaptado.	P.66
Imagem 39: Os diversos “Aléns” do Conic. Foto: Google Maps. Adaptado.	P.67
Imagem 40: Avanço do volume da Igreja Universal no Conic, interrompendo a continuidade espacial. Foto: Google Maps.	P.68
Imagem 41: Área de estar do Conjunto Nacional. Foto: Keiji K.	P.69
Imagem 42: Praça de alimentação do Conjunto Nacional. Foto: Stella Alves.	P.70
Imagem 43: Fachada do Conjunto Nacional voltada para a ERW. Foto: Luiz de Sousa. ...	P.71
Imagem 44: Planos das paredes do Conic. Foto: Lucas Veloso.	P.72
Imagem 45: Planos das paredes do Conic. Foto: Rogério Rezende.	P.73
Imagem 46: Publicidade do Shopping Conjunto Nacional. Fonte: Veja.	P.74
Imagem 47: Inauguração do Conjunto Nacional. Foto: Shopping Conjunto Nacional.	P.75
Imagem 48: Intervenção artística no Conic. Foto: Metropoles.	P.76

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	8
2.1 OBJETIVO GERAL	8
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	8
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3.1 ANÁLISE ESPACIAL	9
3.1.1. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE BRUNO ZEVI	10
3.1.2. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE FRANCIS D. K. CHING	12
3.1.3. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE KEVIN LYNCH	14
3.1.4. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE GORDON CULLEN	17
3.1.5. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE ROBERTO LOBATO CORRÊA	19
3.2. UM CONTEXTO PARA ANÁLISE – O CONIC E O CONJUNTO NACIONAL DE BRASÍLIA	21
3.3 CONTEXTO HISTÓRICO:	23
3.3.1 AS ESCALAS DE BRASÍLIA	23
3.3.1.1 A ESCALA GREGÁRIA	27
3.3.2. SETOR DE DIVERSÕES	29
3.3.2.1 O SETOR DE DIVERSÕES SUL	30
3.3.2.2 O SETOR DE DIVERSÕES NORTE	34
4. MÉTODO	38
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO: ANÁLISE COMPARATIVA DO CONIC E DO CONJUNTO NACIONAL DE BRASÍLIA	39
5.1. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE BRUNO ZEVI	39
5.2. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE FRANCIS CHING	43
5.3. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE KEVIN LYNCH	49
5.4. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE GORDON CULLEN	54
5.5. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE ROBERTO LOBATO CORRÊA	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

1. INTRODUÇÃO

O Setor de Diversões idealizado por Lúcio Costa seria parte do "recrear" citado no manifesto modernista. O grande centro efervescente da nova capital surgia em meio ao extenso cerrado, com pretensão de se igualar aos grandes centros mundiais como a Champs Élysées em Paris, Piccadilly Circus em Londres e Times Square em Nova Iorque. O setor previsto concentraria vários equipamentos de lazer, cultura, comércio e gastronomia em conjunção com o Setor Cultural do Eixo Monumental, composto pelo Teatro, Biblioteca, Planetário e Museu Nacional (COSTA, 1957).

Não muito longe dali está o Setor de Diversões Norte, que possui as mesmas diretrizes de projeto que parte sul do Setor. A parte norte é um projeto de Nauro Esteves sendo único para todo o setor, ao contrário do parcelamento feito na parte sul. Seu interior aberto foi elevado em 2 pavimentos criando uma grande galeria coberta.

Analisando a morfologia e as apropriações dos Setores de Diversões Norte e Sul, a pesquisa buscará compreender as diferenças e semelhanças desses dois espaços. Inicialmente, será feita uma avaliação sobre as possibilidades de apropriação apresentadas por estudiosos do tema. São eles: Bruno Zevi, valorizando um diagnóstico sob diferentes contextos, como histórico, econômico, etc; Francis Ching, valorizando o estudo das formas e da construção espacial da arquitetura; Kevin Lynch, valorizando características gerais do espaço urbano; Gordon Cullen, valorizando características específicas da urbis; e Roberto Lobato Corrêa, valorizando os agentes sociais transformadores do espaço. Em seguida, será analisado o histórico do Conic e do Conjunto Nacional, começando da visão geral - As Escalas de Brasília e a Escala Gregária - e chegando na visão específica - os Setores de Diversões Norte e Sul. Diante dessa base teórica, os objetos de pesquisa (Conic e Conjunto Nacional de Brasília) serão estudados, buscando compreender sua morfologia e apropriações.

A importância da análise dos objetos de estudo desta pesquisa, Conic e Conjunto Nacional de Brasília, está por serem espaços que constituem o Setor de Diversões Norte (SDN) e Setor de Diversões Sul (SDS), pontos centrais do Plano Piloto. Brasília é patrimônio cultural, tombada como patrimônio cultural distrital e nacional e declarada patrimônio cultural da humanidade. Não somente importância simbólica para os brasileiros, a capital

tem importância histórica internacional. Com isso, o estudo de seus espaços traz importantes contribuições para a comunidade acadêmica.

A necessidade desta pesquisa se dá por ambos objetos de estudo serem espaços estigmatizados. O Conic é degradado tanto fisicamente como simbolicamente, marcado com uma imagem negativa de seus espaços e ocupações. Já o Conjunto Nacional de Brasília, por ter uma arquitetura padrão de *shopping center*, não atrai estudos acadêmicos, tendo poucas informações sobre sua história. Diante de tais constatações, pesquisar sobre esses espaços trará a possibilidade de lançar um novo olhar sob o Conic e de produzir mais conteúdo sobre o Conjunto Nacional de Brasília, compreendendo as apropriações e as características morfológicas, entre outras, desses dois setores.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa tem como principal objetivo:

- Compreender as apropriações das características morfológicas, dentre outras, de dois setores de função original idêntica, como o Setor de Diversões Norte e o Setor de Diversões Sul de Brasília, a partir de plantas, diagramas, fotografias e visitas técnicas.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Ao pormenorizar o objetivo geral da pesquisa, têm-se os seguintes objetivos específicos:

- Especificar, a partir de diversas abordagens teóricas, como as apropriações sociais, culturais, econômicas, dentre outras, foram moldadas pelas possibilidades intencionais ou não dos projetos executados.
- Produzir um banco de dados sobre o Setor de Diversões Norte e Setor de Diversões Sul composto por informações textuais e imagéticas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 ANÁLISE ESPACIAL

É possível analisar o espaço urbano e as edificações inseridas nele sob diversas perspectivas. Autores conceituados em estudos da arquitetura e da cidade conceberam métodos de análise que utilizam óticas diversificadas. Os estudos de Gordon Cullen, Kevin Lynch, Roberto Lobato Corrêa, Bruno Zevi e Francis D. K. Ching mostram como a análise do espaço urbano e arquitetônico pode seguir caminhos singulares.

No livro *A Imagem da Cidade*, Lynch pesquisa características gerais do espaço urbano, elementos que podem ser encontrados em qualquer cidade. Com sua generalização, o autor traz um método capaz de dissecar áreas urbanas a partir do exame de certos componentes, como vias, marcos e bairros. Lynch também observa de que forma os habitantes de tal cidade conversam com o espaço e como o leem. Oposto a Lynch, Cullen busca as peculiaridades da cidade. Buscando entender como os planos da urbis se organizam e como se dá a apropriação do local, o autor desvenda o caráter do espaço urbano singular. Em sua análise, o observador também é levado em consideração. Porém, diferente de Lynch, os indivíduos atuam de forma passiva.

Com Lobato Corrêa, o indivíduo aparece como protagonista do estudo. O autor apresenta os diversos agentes transformadores da cidade e de que forma atuam nela. O Estado, os proprietários dos meios de produção e os promotores imobiliários são alguns dos atores citados por Lobato Corrêa. É diante desses grupos que a cidade se modifica e se torna ímpar. Ultrapassando o espaço físico, tal análise questiona como a cidade se tornou o que é e por quê (ou por quem). Zevi traz a ótica da transformação do espaço arquitetônico, personagem

importante do espaço urbano. O autor propõe diferentes interpretações para a arquitetura, a examinando por perspectivas políticas, religiosas, filosóficas e outras. Seu estudo mostra a arquitetura não tem apenas uma razão de ser, é possível diagnosticá-la sob diferentes visões, obtendo assim, diferentes respostas. Aprofundando-se na análise geométrica do desenho, Ching discorre sobre preceitos básicos de geometria, como linha, ponto e plano. Por meio desses, o autor demonstra que utilizando e transformando tais elementos de maneiras variadas, é possível construir diversas arquiteturas e passar ao observador sensações determinadas.

3.1.1. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE BRUNO ZEVI

Bruno Zevi apresenta nesta obra diferentes formas de interpretar e analisar a arquitetura. Em “ As Interpretações da Arquitetura”, capítulo que compõe o livro citado, Zevi propõe uma visão centrada no interior das edificações, em oposição à estudos que focam no exterior. A crítica da arquitetura deve ser um método focado naquilo que é concreto, em características permanentes e exatas. Dessa forma, tal modo pode ser aplicado em qualquer obra arquitetônica. O autor traz também a diferenciação de interpretação e equívoco: Enquanto a primeira analisa a arquitetura empiricamente, utilizando teses que se aplicam a todos os edifícios, a segunda traz uma interpretação pouco abrangente. Um exemplo é a Tese da Verdade Estática de John Belcher (p.139), segundo a qual é preciso que a parte inferior de um edifício mostre mais consistência que a parte superior para dar uma sensação de solidez à edificação. Tal interpretação seria um equívoco, já que não tem uma aplicação abrangente.

Diante disso, são propostas oito visões interpretativas: Política, filosófico-religiosa, científica, econômico-social, materialista, técnica, fisiopsicológica, formalista e espacial. As interpretações política, filosófico-religiosa, científica e econômico-social buscam uma justificativa para o surgimento dos estilos arquitetônicos apoiada na evolução da sociedade em diferentes contextos. Pode-se dizer que o advento da arquitetura gótica se deu pelo fortalecimento do nacionalismo e pelo entusiasmo das Cruzadas, ou então pela solidificação da religião católica na Idade Média. Ainda pode-se analisar que a evolução da engenharia e

da criação do sistema de arcos ogivais tornou o estilo possível, ou que seus fundamentos vieram da economia agrícola da Era Medieval.

A interpretação materialista analisa as questões geográficas e climáticas do espaço onde a arquitetura se localiza. Seguindo o exemplo anterior, essa interpretação diria que o gótico teve maior força nos países nórdicos devido a angulação dos raios solares nesses locais. Caindo perpendicularmente, a luz do sol gera maior contraste de luz e sombra nas cornijas e saliências horizontais do gótico. John Ruskin propõe que as diferenças de terreno e clima incentivam diferentes arquiteturas (p. 148). Um céu aberto e sereno funciona com uma arquitetura horizontal, já um clima nublado pede traços verticais.

Com a interpretação técnica, Zevi discorre sobre a importância da estética e aparência de um edifício. Mesmo com novas possibilidades estruturais, ainda prefere-se repetir os mesmo desenhos utilizados tradicionalmente, porém com os novos materiais disponíveis. Não basta que uma edificação seja sólida estruturalmente, ela deve parecer sólida. Deve haver não somente uma engenharia real, prática, mas também aparente e estética. Essa aparência se relaciona com a estética que o observador está habituado. Certos elementos dão a ideia de solidez para quem os vê.

A Teoria de *Einfühlung* (p.161), termo criado pelo filósofo Robert Vischer, traz a ideia de identificação e empatia. Quando o observador identifica as formas arquitetônicas é gerada a emoção artística, fazendo com que a arquitetura possa exprimir estados de espírito. Essa é a interpretação fisiopsicológica. A linha horizontal traz a ideia de percurso, onde não há ilusão, sabe-se onde começa e termina. Já a vertical é o símbolo do infinito. Linhas curvas trazem a flexibilidade, enquanto linhas retas, a rigidez. A helicoidal expressa a libertação, o cubo, a integridade. O círculo dá a sensação de equilíbrio, a esfera representa a perfeição e a elipse, a inquietação. O *Einfühlung* busca esmiuçar essas formas e linhas para dar significado psicológico à arquitetura. A interpretação formalista também se subdivide em elementos de análise, como unidade, simetria, equilíbrio, contraste, escala e expressão. Tais princípios, que devem ser seguidos no criar arquitetônico e foram enumerados pelas estéticas tradicionais, estão ligados a qualidades formais e psicológicas. Zevi enxerga esses princípios como

monótonos e rasos, indicando a análise contemporânea, que trabalha com um dicionário mais amplo e preciso.

Com a interpretação espacial, analisa-se o vazio da arquitetura. Geoffrey Scott conclui em seu estudo do espaço que é ele que dá valor à arquitetura, tendo os elementos decorativos como acentuadores ou acompanhantes do vazio (p.189). *“Na arquitetura, o que vale é o espaço.”*, concorda Zevi. A interpretação espacial não compete com as outras análises apresentadas anteriormente, mas ocorre paralelamente à elas. Pode-se fazer uma análise científica, política ou psicológica do espaço. O vazio está ligado aos efeitos psicológicos e sociais da arquitetura. É necessário, antes de mais nada, estudar o espaço e depois partir para as demais análises. Segundo Zevi (p.193), *“ (...) o ponto de partida de uma visão integrada, compreensiva da arquitetura é o da interpretação espacial, e julgará todos os elementos que entram no edifício com a medida do espaço”*.

3.1.2. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE FRANCIS D. K. CHING

Em sua obra, Ching dissecou o desenho arquitetônico em seus elementos mais fundamentais. Buscando compreender os princípios da arquitetura, o autor demonstra como componentes básicos se transformam em formas diferenciadas e interessantes. Os elementos primários da forma são apresentados como introdução do estudo de Ching. Ponto, reta, plano e volume são os geradores elementares. O ponto, uma posição no espaço, evolui para uma reta, que por sua vez evolui para um plano e este, para um volume. Com propriedades como dimensão, direção, formato e superfície, esses componentes iniciam o desenvolvimento da forma. Por mais comuns que pareçam, os elementos primários podem provocar grandes mudanças no desenho arquitetônico. Um ponto situado no centro de um campo visual é estável e domina seu contexto. Já um ponto deslocado é *“agressivo e compete pela supremacia visual”* (CHING, 1998, p.4). Uma reta vertical expressa equilíbrio com a gravidade, enquanto a horizontal representa estabilidade e a oblíqua, dinâmica. O plano é considerado por Ching um elemento chave na arquitetura, podendo ser dividido em três tipologias: Superior, relacionado à cobertura de um espaço; Das paredes, que molda e delimita o espaço; E de base, o plano do solo.

A união dos elementos citados gera a forma, uma “*maneira de dispor e coordenar os elementos e partes de uma composição de forma a produzir uma imagem coerente*” (Idem, p.34). O autor classifica a forma em regular e irregular, sendo a primeira referente àquelas simétricas e com partes que se relacionam organizadamente, e a segunda, àquelas dinâmicas e assimétricas, com partes que se relacionam de forma incoerente. Alinhado à forma tem-se o formato, referente ao perfil visual de uma figura plana. O formato é importante para o reconhecimento da forma e depende do contraste entre esta e seu campo.

Voltando à forma, o autor demonstra como a manipulação de sólidos primeiro geram formas diferentes na arquitetura, elencando tipos diversos de transformação. Com a transformação dimensional, as dimensões do sólido são manipuladas, porém sua identidade é conservada. As transformações subtrativas e aditivas retiram ou adicionam partes do sólido. Com isso, são geradas formas subtrativas, aditivas, centralizadas, lineares, radiais e aglomeradas.

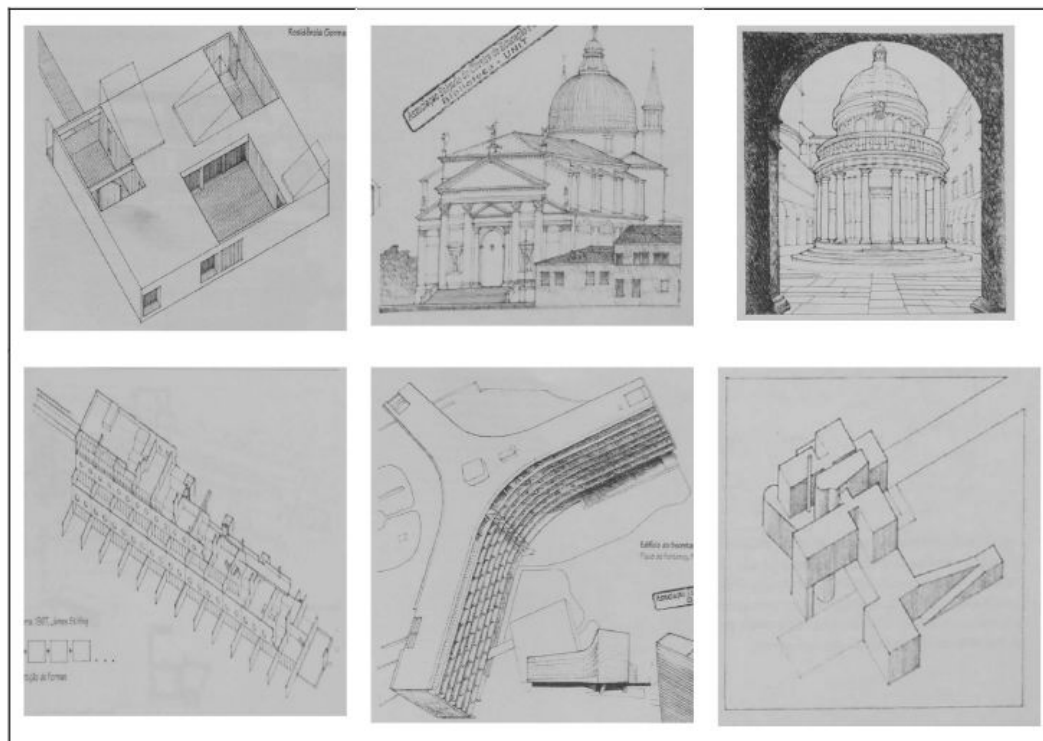


Imagem 1 - Imagens ilustrando formas subtrativas, aditivas, centralizadas, lineares, radiais e aglomeradas, respectivamente. Fonte: CHING, Francis D. K.. Arquitetura: Forma, espaço e ordem. 1998. Adaptado.

A forma interage com o espaço como opostos, positivo e negativo, gerando contrastes. “(...)qualquer forma tridimensional naturalmente articula o volume de espaço circundante e gera um campo de influência ou território que reivindica como próprio.” (Ibidem, p.98). Diante disso, observa-se que diferentes configurações de elementos verticais e horizontais geram diferentes impactos no espaço: O rebaixamento ou elevação de um plano, a delimitação de espaço criada por uma cobertura, as diferentes dinâmicas de planos verticais, o fechamento gerado pela união de 4 planos, as aberturas que trazem luzes e vistas únicas. As articulações finais se dão pelas relações entre diferentes espaços, criando intersecções, adjacências, ligações, cheios e vazios.

3.1.3. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE KEVIN LYNCH

Kevin Lynch analisa o espaço urbano diante do significado atribuído pelos indivíduos que habitam aquela área e pela imagem mental criada acerca da cidade. Lynch confere aos habitantes participação ativa na urbe e procura achar pontos semelhantes em todas elas. O autor inicialmente apresenta alguns conceitos para depois utilizá-los em sua análise: Legibilidade, que diz respeito a facilidade de leitura da cidade; Imagem ambiental, resultante das relações sugeridas pelo ambiente e do significado atribuído pelo observador; Imaginabilidade, qualidade conferida a um objeto que convoca a criação de imagem mental e significado.

São identificados também cinco tipos de elementos físicos das cidades: Vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. As vias são locais de circulação onde os demais elementos se dispõem; Elementos lineares, fronteiras e quebras de continuidade caracterizam os limites; Bairros são regiões que compõem a cidade, identificáveis pelo lado interno e utilizados como referência pelo lado externo; Pontos nodais são pontos estratégicos na cidade, podendo ser

caracterizados por junções, convergências ou cruzamentos; Por fim, marcos se definem como referências externas, objetos físicos que não podem ser adentrados pelo observador.

O autor analisa três cidade norte-americanas - Boston, Jersey City e Los Angeles - para exemplificar seu método. Focando na estrutura e na identidade desses espaços urbanos, Lynch procurou comparar a imagem mental dos entrevistados com a realidade dessas cidades por meio de dois tipos de avaliação. Primeiro, uma análise do local físico com o auxílio de um entrevistado que conhecia a área e conceitos apresentados inicialmente. O observador deveria mapear o local, seus pontos nodais, marcos, limites, comentar sobre sua legibilidade e suas interrelações. Segundo, uma entrevista com moradores da cidade, a fim de trazer a memória imagética dos indivíduos. Por meio de descrições, desenhos e passeios imaginários, seria possível compreender a relação dessas pessoas com a cidade em questão.

Lynch chama a atenção para a importância das relações entre os elementos das cidades (vias, pontos nodais, marcos, etc). Tais interrelações podem reforçar ou diluir um elemento. E são essas associações que compõem a legibilidade de uma cidade, levando conseqüentemente a uma potencial imaginabilidade. Segundo Lynch (1960, p.101) “(...) *se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impugná-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível.*” Porém, a visibilidade extrema pode dificultar atividades práticas ao saturar uma área com significado. O objetivo é construir um espaço flexível às necessidades da cidade, que se modificam constantemente.

Concentrando-se no método de análise, Lynch resume seu uso de forma clara. O autor elenca uma lista de perguntas para compreender a relação do entrevistado com o espaço urbano em questão, evocando suas memórias, emoções e buscando classificar o entendimento que o indivíduo tem em relação a sua cidade. Após essa etapa, são apresentadas fotos da cidade para que o entrevistado possa identificá-las, organizá-las em mapa e explicar como foi possível o reconhecimento do local das fotos. O entrevistado é então convidado a caminhar pela cidade, explicando por que escolheu tal caminho e como se sentia em relação ao percurso. Lynch também sugere pedir informações para transeuntes sobre como chegar a determinado local, para analisar a descrição de cada indivíduo.

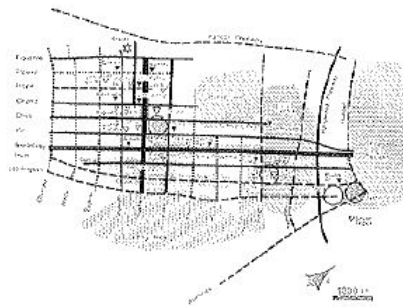


Fig. 43. A imagem de Los Angeles derivada das entrevistas verbais

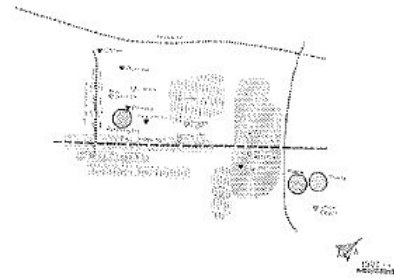


Fig. 45. Os elementos distintos de Los Angeles

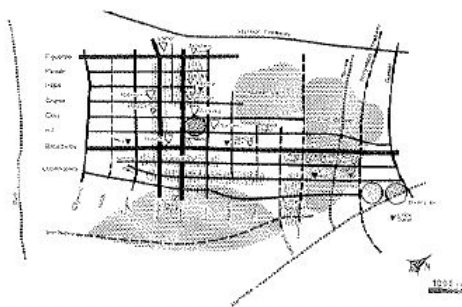


Fig. 44. A imagem de Los Angeles derivada dos mapas esquemáticos

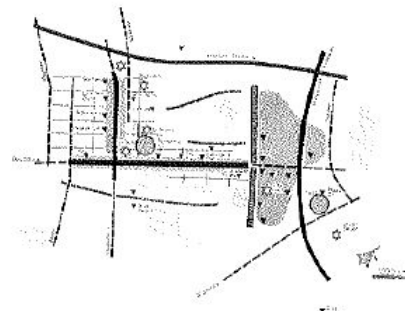


Fig. 46. A forma visual de Los Angeles conforme vista em campo

Imagem 2 - Imagens de Los Angeles derivadas de entrevistas . Fonte: LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. 1960.

Como o próprio autor cita em sua obra, é fundamental trabalhar com um grupo de entrevistados diversos em relação à idade, gênero e classe social. Tais fatores contribuem para diferentes percepções da cidade e podem trazer análises e comentários mais abrangentes.

3.1.4. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE GORDON CULLEN

O estudo sobre a *Paisagem Urbana*, de Gordon Cullen procura analisar a cidade diante da percepção do observador e sua relação com os espaços urbanos e a arquitetura. Utilizando fotos, croquis e cidades reais, o autor enriquece sua observação e ilustra os conceitos apresentados na obra.

Inicialmente são apresentados conceitos gerais, como a observação sequencial do espaço, sua apropriação estática ou pelo movimento, viscosidade (união das duas apropriações citadas), ponto focal, compartimento interior e exterior, entre tantos outros. Tais conceitos surgem como uma relação do espaço com o seu observador, demonstrando como a cidade pode passar diferentes sensações sobre aqueles que a utilizam. Um exemplo interessante é a observação sequencial. Ao longo de um percurso, é revelado ao observador diferentes pontos de vista, em que a cidade se apresenta *“por um série de contrastes súbitos que tem grande impacto visual e dão vida ao percurso”* (CULLEN, 1983, p.19).

Também são apresentados os conceitos de *“Aqui e Além”*. O autor explica que espaços internos configuram os espaços externos. Os volumes das edificações criam diferentes planos na cidade, articulando diferentes ambientes. Dessa forma, surge uma *“partição dos fluxos em atividade e lazer, em rua-corredor, e praça-mercado, viela e largo.”* (Idem, p.184). É diante dessa configuração de diferentes planos que acontece o *“aqui e além”* no espaço urbano. Observando as imagens abaixo, a torre da igreja traz a ideia de *“aqui e além”* para o ambiente ilustrado.

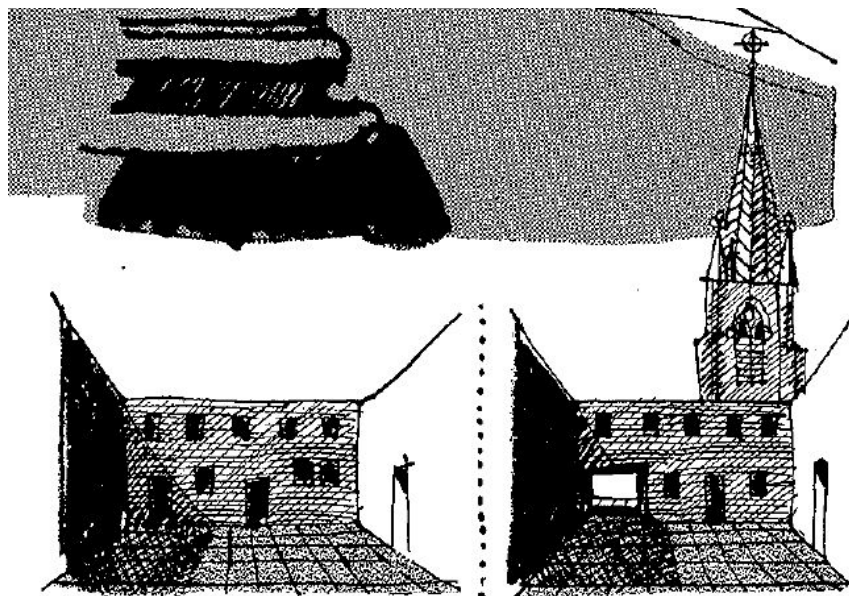


Imagem 3 - Croqui ilustrando o conceito de *“Aqui e Além”*. Fonte: CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. 1983.

A análise de Cullen sobre o espaço, por ser demonstrada de forma objetiva e simples, pode ser traduzida em estratégia de diagnóstico para locais urbanos específicos. A questão da interação do observador com a cidade e as sensações que esta provoca naquele é o que torna o método interessante. A obra traz reflexões acerca da participação, mesmo que passiva, do indivíduo na cidade. As interações sociais, a ocupação do espaço, as intervenções e a forma como os elementos urbanos são utilizados pelos personagens presentes na urbe são esmiuçadas pelo autor, que acaba por criar um parâmetro para análises urbanas diante de suas conclusões.

O método da observação sequencial e da análise do indivíduo como observador passivo da cidade pode ser adensada ao adicionar elementos relacionados a outros sentidos, além da visão. A percepção de sons, odores, ritmos e discursos pode auxiliar na apreensão de fenômenos não compreendidos apenas com a observação sequencial (ADAM, 2007).

O observador como agente passivo da cidade sugere uma não participação no espaço. Mesmo com a consciência de suas emoções e da poética do espaço urbano, advindas da contemplação da urbe, o observador passivo não se percebe como parte da cidade, não a transforma e não a constrói. Uma análise que veja o indivíduo urbano como participativo na composição do espaço serviria como complemento ao método de Cullen.

3.1.5. A ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DE ROBERTO LOBATO CORRÊA

Em *O Espaço Urbano*, Corrêa faz uma análise dos diferentes agentes sociais que modificam a cidade e a maneira como a mesma transforma ou mantém as relações indivíduo-urbes, permitindo-nos a aproximação de uma análise socioespacial. O autor demonstra que o espaço urbano é um reflexo da sociedade. Com suas articulações e fragmentações, a cidade expressa os processos sociais passados e presentes. A obra apresenta também os agentes que produzem o espaço urbano, sendo eles: os proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; e os grupos socialmente excluídos. Cada agente tem uma função no processo de transformação da cidade e suas ações são fundamentadas juridicamente e margeadas pelos interesses dos agentes

dominantes. São esses atores que influenciam na definição de leis do uso do solo, no zoneamento urbano e em quais áreas serão instaladas ou não infraestrutura urbana.

Os grupos socialmente excluídos atuam na transformação da cidade em áreas periféricas e de baixo status social, como as favelas. Nessas áreas, eles se tornam agentes modeladores, modificando o espaço independentemente dos demais agentes. Corrêa aponta que essa modificação é uma forma de resistência e de sobrevivência “(...)às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade.” (CORRÊA, 1989. p. 30).

São os agentes modeladores que desenvolvem os processos espaciais, responsáveis pela “organização espacial desigual e mutável da cidade capitalista.” (Idem. p. 36). O autor difere tais processos em centralização e área central, descentralização e núcleos secundários, coesão e áreas especializadas, segregação e áreas sociais, dinâmica espacial da segregação, e inércia e áreas cristalizadas. A área central é o foco da cidade, local onde ficam concentradas as principais atividades comerciais e terminais de transporte. Estes são fundamentais para a manutenção dessas áreas, pois são eles que possibilitam a conexão entre diferentes cidades, o que alimenta o crescimento econômico. O núcleo central é marcado pela verticalização, pelo uso intensivo do solo, pela concentração diurna de pessoas e pela gentrificação. Oposto à área central, o processo de descentralização ocorre diante do aumento do preço da terra, da falta de espaço para expansão, das limitações legais sobre as ações das indústrias e da perda de amenidades. Este processo torna o espaço urbano mais complexo, com a criação de núcleos secundários de atividades.

Outro importante processo citado por Corrêa é o de coesão, em que diferentes atividades se aglomeram espacialmente. O resultado são áreas especializadas, como ocorre em Brasília nas ruas das elétricas, farmácias, etc. Tal processo está presente tanto na centralização como na descentralização. Em relação à segregação e às áreas sociais, o processo de transformação urbana está ligado à temática residencial, e não à comercial. É neste ponto que ocorre a reprodução social. O autor apresenta os termos “área natural” e “área social”: A primeira diz respeito a uma área caracterizada pela individualidade, ocorrendo competição e gerando espaços de dominação; A segunda fala sobre áreas uniformizadas pelo status social, urbanização e etnia, sendo essa uniformização a geradora da segregação. A classe dominante atua fortemente nesse processo ao auto-segregar, escolhendo as

melhores áreas para si e excluindo o restante da população desses espaços. Diante disso, ocorre uma separação espacial das diferentes classes sociais dentro do espaço urbano. Essa separação, porém, não fica engessada em um mesmo espaço. A dinâmica da segregação mostra que a medida que a elite abandona o centro em expansão em busca de novas residências, essa área é habitada pela população de menor status social em busca de empregos nas novas atividades originadas no centro. A área central se torna, então, deteriorada e marginalizada.

O último processo é a inércia, descrito por Corrêa como *“permanência de certos usos em certos locais, apesar de terem cessado as causas que no passado justificaram a localização dele.”* (Ibidem, p.76). Esse processo tem uma forte carga simbólica e sentimental, razão pela qual pode justificar-se a conservação de certo uso.

Diante da conceituação dos agentes modeladores da cidade e seus processos, o autor apresenta reflexões que podem ser usadas ao analisar a cidade. Tais questões relacionam a prática dos agentes e os diferentes tipos e tamanhos de cidades, as diversas organizações espaciais e a relação entre a funcionalidade e a organização da cidade.

O estudo de Roberto Corrêa em *O Espaço Urbano* traz observações pertinentes acerca do vínculo entre a dinâmica da cidade e os processos sociais que nela ocorrem. Tais considerações contribuem para a compreensão da forma recíproca que sociedade e cidade se transformam.

3.2. UM CONTEXTO PARA APLICAÇÃO DE MÚLTIPLAS ANÁLISES ESPACIAIS

Estudando o Conic e o Conjunto Nacional e seu entorno sob as singulares perspectivas dos autores revisados, procura-se entender de forma mais ampla esses espaços. Ao olhar tais elementos de análise diante de diferentes abordagens, tem-se a possibilidade de obter conclusões múltiplas. A ideia é olhar o aspecto humano, e não somente o arquitetônico. Questões como quais grupos frequentam esses espaços, quando vão, por que vão a esses lugares, quais pontos específicos atraem essas pessoas.

Analisar o aspecto humanos, como também os arquitetônicos e urbanísticos, sob suas várias possibilidades, resultará em uma conclusão abrangente da morfologia dos objetos de estudo. Entendendo como se encaixam os elementos trazidos por Lynch no Conic e no Conjunto Nacional e como se dá a leitura desses espaços por quem os frequenta facilitará a compreensão da relação entre o espaço físico e o indivíduo. O estudo de Cullen auxiliará no exame das características individuais de cada local, como se dão suas apropriações e movimentações específicas.

A análise social de Lobato Corrêa se relaciona fortemente aos objetos de pesquisa; Já é sabido a diferença social na ocupação dos dois locais. A colocação do autor de que o espaço urbano é modificado segundo os interesses de grupos distintos se materializa tanto no Conic quanto no Conjunto Nacional. Examinar mais profundamente esse método de estudo é de grande relevância para esta pesquisa. A modificação da arquitetura sob Bruno Zevi também contempla questões de interesse e causas trazidas por relações sociais. Acontecimentos históricos, psicologia e filosofia são alguns elementos que podem ser usados como lente para interpretar a morfologia dos dois edifícios do Setor de Diversões. Dissecando os edifícios do Conic e do Conjunto Nacional diante da análise de Francis Ching e compreendendo como cada construção fez usos de elementos fundamentais do desenho arquitetônico pode-se interpretar as diferenças de apropriação e de sensações que cada projeto passa ao observador.

Utilizando abordagens diversas e buscando examinar os espaços objeto de estudo diante de visões singulares, tem-se a ampla compreensão desses locais. Ao conciliar os métodos interpretativos concebidos por Lynch, Cullen, Zevi, Ching e Lobato Corrêa, inserindo-os em espaços específicos como o Conic e o Conjunto Nacional, o resultado é um estudo abrangente e elucidativo de como se dá a apropriação e o funcionamento de tais espaços.

A partir do embasamento conferido pelas possibilidades gerais de análise espacial, acima apresentadas e passíveis de aplicação nas mais diversas realidades espaciais, a pesquisa foi direcionada para seu foco de investigação, o Conic e o Conjunto Nacional, componentes do Setor de Diversões de Brasília. E para explicitar algumas das várias questões vinculadas a

esse foco da pesquisa, esses dois edifícios, foi considerado relevante um estudo sobre o seu contexto de criação e transformação, abaixo explicitados, para sua posterior análise.

3.3 BRASÍLIA E SEUS DOIS SETORES DE DIVERSÕES

3.3.1 AS ESCALAS DE BRASÍLIA

Brasília continua hoje explicitando contradições e complexidades em sua consideração. Por um lado, Brasília possui importância que pode ser reconhecida por ser oficializada como patrimônio cultural nas três esferas: tombada como patrimônio cultural distrital (1987), tombada como patrimônio cultural nacional (1990) e declarada patrimônio cultural da humanidade (1987). Por outro lado, Brasília, síntese do urbanismo modernista, é hoje um dos casos mais criticados pela crítica contemporânea em vários de seus aspectos.

De fato um dos maiores exemplos do urbanismo modernista, Brasília coloca em prática teorias que antes eram vistas apenas no papel. Tendo como objetivo central criar uma cidade que possibilitasse a realização do indivíduo como ser integral, desenvolvendo diversas funções e suprimindo suas necessidades cotidianas, Lucio Costa desenhou um cidade *“(...) monumental [que] é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. E ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional.”* (COSTA, 1956). O uso das escalas foi fundamental para incorporar as diversas finalidades de Brasília.

No plano original, cada escala manifesta-se por uma ordem espacial que é construída numa relação de “tamanho ou proporção” conciliada a “sentido ou significado”. Conforme descreve Monte Jucá, “os espaços de cada escala, tendo características distintas, buscam, em um jogo de proporções e significações, se complementarem e interagirem”. (BOTELHO, Lídia Adjuto. 2010, p. 87)

Usando o indivíduo como parâmetro, Costa concebe os espaços da cidade pensando nas formas de apropriação de cada local. Assim, cria uma obra de arte urbana, como declarou o júri do concurso para o plano de Brasília.



Imagem 4 - Mapa das Escalas predominantes. Fonte: SEDUMA/GDF. 2010.

A Escala Monumental é a que caracteriza Brasília como o centro do poder no Brasil. É a “*essência da cidade-capital*” (BOTELHO, 2010. p. 92). Situada ao longo do Eixo Monumental, desde a Praça dos Três Poderes até o Palácio do Buriti, tal Escala opõe os opulentos edifícios dos Ministérios e do Congresso Nacional com o amplo espaço vazio configurado pelo canteiro central. As casas dos poderes Executivo, Judiciários e Legislativo foram dispostas em um triângulo equilátero na Praça dos Três Poderes, que traz a ideia de equidade entre os poderes de República. A Catedral de Brasília também está situada nessa Escala, porém em

uma praça autônoma, definindo a separação entre religião e Estado, como explica Costa no Relatório do Plano Piloto (COSTA, Idem).

Instaurando uma nova forma de viver, a Escala Residencial tem por base suas Superquadras. Com edifícios de seis e três pavimentos dispostos em cerca de 78.400m², a Superquadra é mais que um espaço de morar, é um espaço de viver. Os cinturões verdes que margeiam as quadras protegem os moradores dos veículos que circulam em vias circundantes e abrigam mobiliário urbano como quadras esportivas, parquinhos e pracinhas. Essa Escala traz outra inovação ao desenho urbano, a Unidade de Vizinha, composta por quatro Superquadras

(...) a unidade de vizinhança contém todos os componentes indispensáveis para uma vida cotidiana saudável – escolas primárias e secundárias; comércio; posto de saúde; clube; áreas de recreação, esporte, lazer e cultura –, entrosando-se uns aos outros em toda a extensão do Eixo Rodoviário. (BOTELHO, Idem)

Distribuídas em uma malha cartesiana, as Superquadras são denominadas de acordo com sua localização na grade. Acima do Eixo Rodoviário, o Eixão, ficam as quadras ímpares (100, 300, 500, 700 e 900) e abaixo deste, as pares (200, 400, 600 e 800).

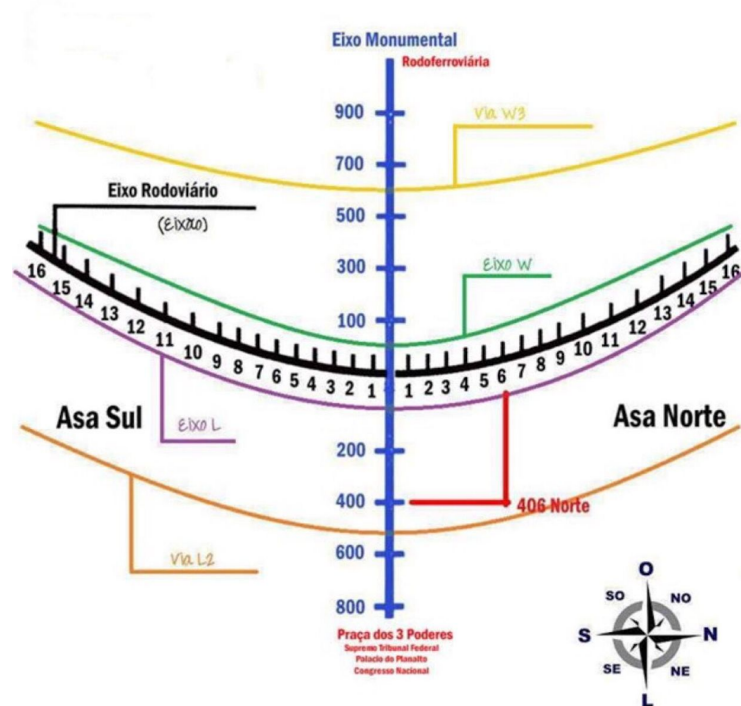


Imagem 5 - Esquema do Plano Piloto. Fonte: Vizinhança 416 Norte. 2015.

A escala Bucólica configura todas as áreas livres do Plano Piloto. Passeios, faixas verde e gramados a constituem. Atestando Brasília como cidade-parque, a Escala Bucólica concebe o desenho de Brasília sendo o negativo para o positivo dos edifícios. A baixa densidade e a amplitude visual são características determinantes da Escala, elemento norteador do do projeto da capital. A paisagem natural emoldura o espaço urbano construído e demonstra a técnica paisagística que foi proposta para o projeto de Brasília. Algumas áreas bucólicas são ligadas ao lazer, como parques e, atualmente, a orla do Lago Paranoá. Contudo, a Escala se traduz para a maioria dos brasilienses como espaços vazios e muitas vezes sem utilidade. Analisando o conceito de Lucio Costa para a área, entende-se que o objetivo era conter e crescimento urbano e trazer um natureza para a cidade modernista de concreto. Segundo Costa, *“urbanizar consiste em levar um pouco da cidade para o campo e trazer um pouco do campo para dentro da cidade”*.

Representando o coração de Brasília, o centro da capital, está a Escala Gregária. Maior liberdade de usos, formas e gabaritos caracterizam essa área da cidade, que tem como objetivo ser palco de relações sociais e culturais. A Escala foi pensada para o pedestre, com tratamento paisagístico diferenciado do restante da capital: Sombras criadas pela vegetação servem como convite para o uso dos brasilienses. A seguir, são explicitadas algumas características específicas da Escala Gregária, por estar nesta escala os dois objetos em estudo nesta pesquisa: Conic e Conjunto Nacional de Brasília.

3.3.1.1 A ESCALA GREGÁRIA

A escala gregária está materializada no “centro urbano” da nova capital, reunindo os setores de comércio, serviços, escritórios e diversões. Os elementos construídos nesses setores, aliados às atividades ali instaladas e ao sistema de circulação de veículos e pedestres, deveriam propiciar as condições de agregação e urbanidade características dos centros urbanos. (GOULART, LEITÃO. 2010)

No ponto de interseção entre os eixos Rodoviário e Monumental, a Escala Gregária foi concebida com o objetivo de ser uma área densamente utilizada, um ponto de encontro da capital. O Relatório do Plano Piloto a caracterizava como quatro quarteirões, além dos Setores de Diversões e da Plataforma Rodoviária. Edifícios comerciais, com lojas de magazines, e de escritório para trabalhadores liberais e empresas compunham o espaço. Assim, os Setores Comerciais Norte e Sul (SCN e SCS) foram destinados ao comércio e os Setores Bancários (SBN e SBS), aos bancos e escritórios. Os Setores de Diversões Norte, Sul e Centro (SDN, SDS E SDC) posteriormente suprimido, abrigariam lojas de magazines e escritórios. Ampliações nos Setores Bancários e de Autarquias, e o acréscimo do Setor Hospitalar e de Rádio e TV modificaram a ideia inicial do Plano Piloto e da Escala Gregária antes mesmo da inauguração da capital.

Maiores densidades construtivas, verticalidade, gabaritos mais altos e predominância de espaços construídos em detrimentos de áreas livres dão à Escala Gregária sua originalidade. Usando o quarteirão, elemento conhecido no desenho urbano, Lucio Costa pretendia trazer um acentuado fluxo de pedestres e uma maior dinâmica de usos. Essa tipologia foi aplicada

no SCS, SDN e SDS. Nos demais setores, tipologias mistas foram utilizadas. Dessa forma, foi possível criar um espaço propício para encontros e trocas “*econômicas, sociais, afetivas, culturais, simbólicas*” (GOULART, LEITÃO. 2010. p. 139).

Assim como na Escala Residencial, na Gregária a ocupação também foi iniciada pelo lado sul do Plano Piloto. Como aponta Goulart e Leitão (Idem), os setores centrais norte ainda apresentam menor ocupação que seus pares do sul. Nota-se disparidades entre os setores da região, como exemplo do SCN e SCS. A adição e subtração de áreas planejadas fez com que a Escala Gregária existente seguisse um rumo diferente da pretendida por Lucio Costa. Sem o devido tratamento urbanístico, fora do horário comercial, a área se torna vazia e subutilizada. Costa tencionava com intensa vida urbana. No Relatório do Plano Piloto, descrevia:

Em cada núcleo comercial, propõe-se uma sequência ordenada de blocos baixos e alongados e um maior [...], todos interligados por um amplo corpo térreo com lojas, sobrelojas e galerias. Dois braços elevados da pista de contorno permitem, também aqui, acesso franco aos pedestres.

Muitas das recomendações, como a acima, foram negligenciadas. Com isso, a Escala Gregária se afastou de seu objetivo principal: “*(...) Esse foco urbano de congestão foi deliberadamente concebido para fazer contraponto aos espaços desafogados e serenos das superquadras residenciais (...)*” (COSTA, 1967). Maria Elisa Costa (1997) pontua a importância da densa ocupação no nível térreo da Escala e Maria Elaine Kohlsdorf (1997) concorda ao expor que “*Estes atributos propiciam aglomeração e encontro, características que são inerentes ao conceito de centro como lugar de trocas (...)*”. Observa-se uma maior concentração de pessoas nas áreas que utilizam esse preceito, como o SDS e SCS. Em outras áreas optou-se por edifícios em altura, sem conexão com o tecido urbano, concentrando seu uso no interior dos prédios, e não nas áreas públicas. Um exemplo é o Setor Comercial Norte.

A falta de urbanização da Escala Gregária acaba por criar uma desagregação. Áreas que seguiram uma direção urbana mais coesa tornaram-se mais adensadas, como o SCS e SBS. Diversificando os usos e pensando em como ocupar a Escala Gregária também durante a

noite, pode-se aproximar o espaço do que foi pensado por Lucio Costa. Mesmo diante de diversos problemas ligados ao desenho urbano da Escala, o local não deixa de ser um ponto central da capital, confluindo brasilienses e moradores das cidades satélites para para o cerne do Plano Piloto. No tópico seguinte são evidenciadas características específicas do Setor de Diversões Norte e Sul, que compõem a Escala Gregária, e que abriga o Conic e o Conjunto Nacional de Brasília, objetos desta investigação.

3.3.2. SETOR DE DIVERSÕES

O Setor de Diversões idealizado por Lucio Costa seria parte do "recrear" citado no manifesto modernista. O centro da nova capital surgia em meio ao extenso cerrado, com pretensão de se igualar aos grandes centros mundiais como a *Champs Élysées* em Paris, *Piccadilly Circus* em Londres e *Times Square* em Nova Iorque. O setor previsto concentraria vários equipamentos de lazer, cultura, comércio e gastronomia em conjunção com o Setor Cultural do Eixo Monumental, composto pelo Teatro, Biblioteca, Planetário e Museu Nacional (COSTA, 1957). Costa descreve o setor como “*pequenos pátios com bares e cafés e loggias na parte dos fundos com vista para o parque*”. Situado na junção dos Eixos Monumental e Rodoviário, o Setor de Diversões utiliza do desenho viário para criar um espaço agregador.

O cruzamento desse Eixo Monumental, de cota inferior, com o Eixo Rodoviário-Residencial impôs a criação de uma grande plataforma liberta do tráfego que não se destine ao estacionamento ali, remanso onde se concentrou logicamente o centro de diversões da cidade, com os cinemas, os teatros, os restaurantes, etc. (COSTA, 1957)

Os Setores de Diversões Norte, Sul e Centro (SDN, SDS e SDC) comporiam o espaço criado por Lucio Costa. Posteriormente, o SDC foi retirado do projeto por questões de economia. O edifício seria todo suspenso sobre a Esplanada dos Ministérios, porém com a ampliação do canteiro central do Eixo Monumental, a distância a ser vencida pela construção se tornara

demasiada grande. Com isso, restaram o SDN e SDS. Nestes, foi fixada a volumetria, fachada e circulação interna, o que não impediu que os dois setores se tornassem tão díspares. Questões como a relação entre o espaço público e privado, estado de conservação, acessibilidade e tratamento das fachadas evidenciam essa diferença. O tipo de gestão aplicado no SDS e SDN trouxeram a discrepância entre os dois espaços existentes hoje na capital.

O conjunto de edifícios do SDS mais se assemelha a ocupações orgânicas, divergindo dos traços bem planejados da capital. As vielas, praças, desníveis, luzes e sombras remetem aos centros urbanos históricos. Não muito longe dali está o Setor de Diversões Norte, que possui as mesmas diretrizes de projeto que a parte sul do Setor. O objetivo era compor o grande centro urbano cosmopolita de Brasília, porém, o que se tem atualmente são dois setores díspares, cada um com sua história e sua ocupação.

3.3.2.1 O SETOR DE DIVERSÕES SUL: CONIC

O SDS começou a ser construído em 1962, por sua proximidade com as primeiras ocupações de Brasília que se deram a partir da Asa Sul. Em sua curta história, o Conic - nome de um dos edifícios do local e apelido dado ao setor pelos brasilienses - surgiu como um grande parcelamento urbano. Enquanto seus lotes internos foram vendidos, as áreas de circulação continuaram públicas. Com isso, os corredores de tráfego de pedestres foram construídos separadamente, dificultando a integração entre os edifícios do Conic (GOULART, LEITÃO. Idem. p.146). Com desníveis e obstáculos, a circulação se tornou pouco acessível, e a gestão pública não se empenhou em conservar o local, que por muito tempo se tornou uma área de descarte de lixo (REZENDE, 2014. p.71).



Imagem 6 - Recorte do Jornal de Brasília de 05/04/1983. Fonte: REZENDE, 2014.

Inicialmente, o Conic abrigava órgãos administrativos, o que fez com que surgisse um comércio requintado na época. Cafés, cinemas e livrarias recebiam fluxo intenso de pessoas. O Cine Atlântida foi o primeiro edifício a ser finalizado no SDS, seguido pelos edifícios Venâncio I, II, III, IV, V e VI, Baracat, Conic, Eldorado, Acropol, Venâncio Junior e Miguel Badya. Além do comércio, escritórios também compunham o uso dos prédios. Com a construção do Setor de Embaixadas e demais edifícios governamentais e a transferência das representações do Conic para essas áreas, o SDS foi se tornando um local vazio e sem visitas. A consolidação de outros centros de atividades também contribuíram para essa situação.

A saída do comércio requintado deu lugar à bares e estabelecimentos voltados para o entretenimento adulto, como boates e prostíbulos. Diferentes classes sociais frequentavam esses locais, dependendo do nível de preço de cada casa. No início dos anos 70, objetivando atrair mais público ao Conic, projetos foram desenvolvidos para gerar novos estabelecimentos. A construção do Edifício Darcy Ribeiro é um exemplo, que atualmente abriga a Faculdade Dulcina de Moraes. Organizações sindicais e partidárias também ocuparam o SDS. O Partido dos Trabalhadores (PT), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e Partido Comunista do Brasil (PCdoB) foram alguns que instalaram suas sedes no Conic, o que transformou áreas ociosas do setor em locais de manifestações

democráticas. A Praça do Chapéu era um popular ponto de encontro para tais demonstrações.

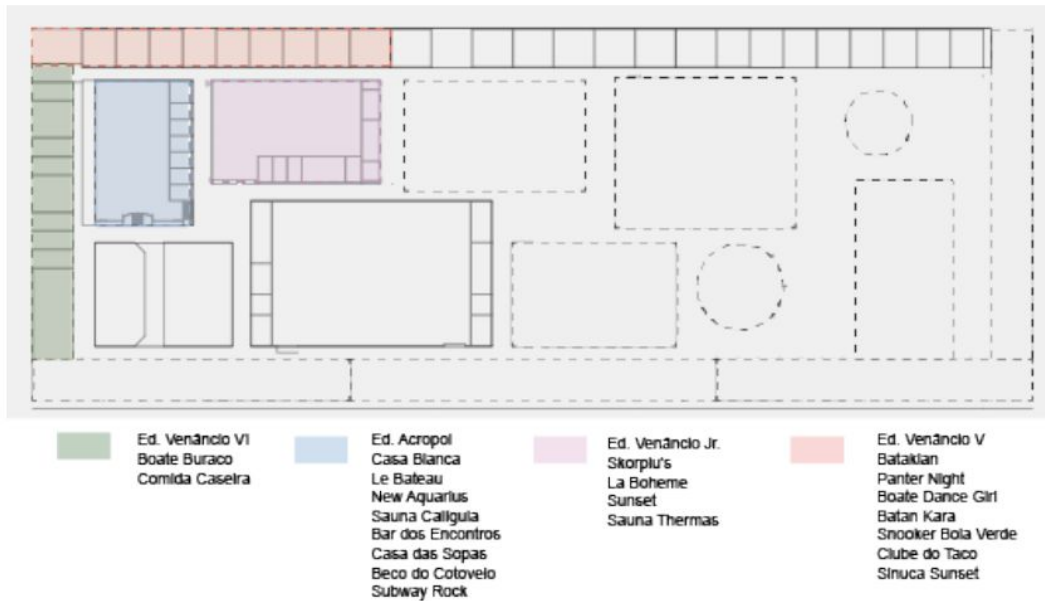


Imagem 7 - Esquema dos usos dos primeiros edifícios do SDS. Fonte: REZENDE, 2014.

Com o aumento das salas de cinema em shoppings e os altos preços cobrados pela Embracine, as salas de cinema do Conic foram fechando suas portas, dando lugar a salas de exposições de pornografia e igrejas evangélicas.

Nos anos 80, grupos atualmente famosos como Capital Inicial, Plebe Rude e Legião Urbana se apresentavam nos bares do SDS. O labirinto de corredores criado pela composição morfológica do local, com seus edifícios independentes, eram local de consumo de drogas e prostituição, o que contribuiu com a má fama do setor. Nos anos 90, iniciou-se uma tentativa de requalificação do Conic, com limpeza das áreas públicas, instalação de uma delegacia e a criação de um jornal interno, que buscava reconstruir a imagem do local por meio de publicidade positiva. Os edifícios do Conic reformaram suas fachadas independentemente e instalaram escadas rolantes para poderem competir com os shoppings da cidade. Buscava-se elitizar o Conic, transformando-o em um shopping ou hipermercado. Porém, o projeto da NOVACAP não foi desenvolvido e o estudo encomendado ao Centro de Planejamento Oscar Niemeyer também não avançou (REZENDE, 2014. p.75).

O baixo valor dos aluguéis atraiu jovens empreendedores, que instalaram lojas de moda alternativa, jogos e camisetas de banda. Comércio de sprays, aulas e workshops de grafite atraíram público e ajudaram a valorizar a arte urbana no local. As igrejas do local também atraíram público, gerando uma nova tipologia de comércio com artigos religiosos.

Em 2009, os últimos locais de prostituição e consumo de drogas do Conic foram fechados. A delegacia também encerrou suas atividades devido à diminuição da criminalidade no local. Atualmente, o SDS ainda mantém seu comércio religioso e de lojas alternativas. Skatistas ocupam o local, praticando o esporte e consumindo produtos voltados para esse grupo. Lojas de quadrinhos e artigos de bandas continuam a atrair brasilienses para o setor. Alguns bares e restaurantes também são pontos de encontro. A marquise do Conic abriga saraus, peças de teatro, shows e batalhas de danças.

Coletivos e produtores culturais são responsáveis pela cena artística atual do local. (CONTAIFER, Julia. 2016). Ligados à Faculdade Dulcina de Moraes, alguns grupos aproveitam para arrecadar fundos para a instituição com os eventos. Buscando tornar o Conic mais propício a esse uso, equipes tentam limpar e revitalizar áreas que serão utilizadas para festas e demonstrações artísticas. Kaká Gonçalves, produtor cultural, aponta que *“o Conic é o espaço ideal. Tem vocação pra isso. É um ponto central e que não tem moradores por perto, nesses tempos da Lei do Silêncio. A cidade pulsa e acontece aqui.”* São pensamentos como esse que ajudam a quebrar o estigma negativo do Conic e o tornam um novo centro de artes e encontros do centro de Brasília.

“Expurgados” os males do Conic, o setor ainda projeta a sombra do seu passado “marginal” e “transgressor”. O estigma que se arrasta desde o processo de “moralização” do setor pode, como bem analisou Brasilmar Ferreira Nunes, lançar “um olhar de fora sobre o edifício”. Contudo, relativamente livre dos problemas gerados pelo abandono e a falta de segurança, o setor vem se firmando como um dos locais mais socialmente diversificados de Brasília. (REZENDE, 2014. p. 80)



Imagem 8 - Evento no Conic organizado pelo coletivo Dulcina Vive. Foto: Correio Braziliense.

3.3.2.2 O SETOR DE DIVERSÕES NORTE: CONJUNTO NACIONAL DE BRASÍLIA

A metade norte do Setor de Diversões tem uma história menos movimentada que seu par do lado sul. Vendido como um único terreno, no SDN foi aplicada uma gestão completamente diferente. Assinado por Nauro Esteves e Lucio Costa, o Shopping Conjunto Nacional (CNB), primeiro do Centro-Oeste e segundo do país, marcou a capital como um grande centro de compras. O edifício foi construído em três etapas, que ocorreram em 1971, 1974 e 1977. O CNB é administrado pela rede Ancar Invoe, que ingressou no ramo juntamente com a criação do shopping, nos anos 70 (VISITE BRASÍLIA, 2017c.). A previsão do arquiteto Nauro Esteves era de um edifício para 457 lojas, 309 salas comerciais, 3 cinemas e 2 teatros distribuídos em sete pavimentos, além de garagem e estacionamento para mais de 1000 veículos.

O lançamento do empreendimento foi em 1968, quando postas a vendas lojas e salas do CNB. Mesmo com a crise política de 1969, a construção do centro de compras foi iniciada. Em 1970, com a retomada das vendas, que pararam devido a crise, o objetivo da construção mudou. Agora, seria concebido um verdadeiro shopping-center, que traria um ponto centralizado de comprar em um espaço confortável.

E, hoje, aí está o Conjunto Nacional Brasília, “o maior shopping-center da América do Sul”: três pavimentos de salas comerciais e quatro pavimentos de lojas: supermercado,

eletrodomésticos, farmácia, Banco, boutiques, cinema (o mais luxuoso de Brasília), cabeleireiros, barbeiro, restaurantes, enfim, tudo o que o consumidor possa precisar, com a variedade de ofertas que respeite seu direito de escolha. E com o conforto necessário: elevadores modernos, escadas rolantes, telefones públicos e galerias amplas. (CORREIO BRAZILIENSE, 1971)

Amanhã você vai conhecer um Super Shopping Center

O Conjunto Nacional Brasília

Ah! E você vai ver que shopping center! Bem, bem arquitetado, bem construído, bem acabado. Também, pudera, foi a ECIA quem o construiu. O CNB tem um estacionamento localizado no ponto nevralgico de trânsito desta cidade. O Exo Monumental, mas tem também a entrada pela "alinhado" a que facilita mais ainda. Mas, voltando ao estacionamento, este comporta mil carros. É o máximo da facilidade. Nada de sol, falta de vaga, guardas apertados, carros freando, tumulto, confusão...
CHEGA.
Agora, pense no CNB. São ruas de lojas. Com escadas rolantes, elevadores, várias lojas vendendo varias coisas.

Todos pertinho uma das outras. Cinema, Supermercado, bar, boutique, lanchonete, barzinho de bebidas e salgadinhos, restaurantes, churrasceria, barbeiro, telefone publico. E tudo fácil de achar pois uma programação visual, coratissima, lhe indica os caminhos a seguir. A Lavanderia, Alvarado, que vocês todos conhecem através dos bons serviços que ela presta, está instalada no CNB. A **ONOGÁS** também. As **CASAS PERNAMBUCANAS**, aquelas que em todas as portas de estrada você vê o nome escrito, é a primeira imagem de quem entra no CNB pelo "alinhado". Aquela colosso de loja. Com tecidos, cama e mesa, banho, a mais recente coleção da Bangui, numa loja que será a maior das Pernambucanas.

E quem tem a hobby de montar carrinhas, aviões, trens e essas coisas, terá no Conjunto, o seu reduto máximo. A HOBBY SHOP, que representa as marcas mais famosas de miniaturacao de todo mundo.
Assim e o CNB, este gigante de ofertas e oportunidades para seus compras. E são estes detalhes, que fazem dele o maior e melhor "shopping center" da America Latina. Coisas estudadas, pensadas, realizadas dentro do mais minucioso criterio. A qualidade e o seu conforto, fazem as nossas mães preocupações.
Va dar uma espiada amanhã. Va ver com seus olhos, e voce verá que não estamos exagerando. Que a verdade é muito melhor.
E mesmo depois de sua inauguração, o CNB terá uma programação especial principalmente dedicada as crianças. Se quiserem lhe dar um conselho. Não se esqueça de tomar um calmente, pois voce não vai conseguir controlar.

PROGAMA
9:30 h. Banco de Corri de Brumara de Duque Faria
10:00 h. Mercado de Manjuri de Educação e Cultura
10:30 h. Biblioteca do bairro Luro Aldeia
11:00 h. Museu de Arte de Brasília
11:30 h. Casa de Iniciação

CONJUNTO NACIONAL BRASÍLIA

SCIA SHOGAMA COPAN SAIETO NOVES ITATIBA DISCIBOL ROPPAR AB OROGAS LOURO KENTE VEICULOS GANTORIO DO SA OFICIO
Piso de Apoio - Arg - Lavanderia/Movida - Casas Pernambucanas - Grupo Francisco Campos - Genes - Lavana Soller - Recliner - Cine Actor - Gub
Lanceta Pirella - Bag - Sallid Diptomas - Magnolia Boutique - Restaurante Xangô - Porteira Churrascaria - Kibê Assado - Adô e Eva - Bano Boutique - Ma
bela, representações debrasil - Elia Importadora - The Millie - Nacional Confecção e Representações - Mochi Lanches - Lanchonete Concorde - O Bala
Parabéns São Lucas - Calçados C&B - Oropelada C&B - Foto - Volkswagen - Corral Brasileiro - Papalira Multigrão - Honey Drinks - Sangi do Orlado
Representações Estatísticas de Oliveira Ltda. - Capote Calçados - Elia Alta Costura - Tera Artesanato - M&M's Restaurant - Aural Cabarete Boutique - Hobby
Shop - Ding Sp

Conjunto Nacional, 22 de setembro de 1971

Imagem 9 - Anúncio da inauguração do Conjunto Nacional, em 1971. Fonte: Correio Braziliense.

A implantação mais integrada e uniforme do CNB resultou em um dos espaços mais gregários da cidade, seguindo o objetivo de Lucio Costa para a área. O melhor tratamento do entorno do edifício foi outro fator que influenciou tal situação. De acordo com o site oficial do shopping, atualmente o Conjunto Nacional conta com 270 lojas e mais de 1,8 milhões de

consumidores por mês. Pode-se dizer que o projeto do arquiteto Nauro Esteves para a edificação atingiu seu objetivo.

Nauro Jorge Esteves, nascido no Rio de Janeiro, iniciou sua carreira no escritório de Oscar Niemeyer. Funcionário da Novacap, participou ativamente da construção da capital ao lado de Niemeyer e Lucio Costa. Obras como o Palácio do Buriti, prédios do Tribunal Federal de Recursos, Hotel Nacional e blocos das superquadras de Brasília foram projetados por Esteves. (Dicionário de Artistas do Brasil, s.d)



Imagem 10 - Nauro Esteves. Fonte: GARCIA, Cristiana Mendes. Construindo Brasília. 2010.

Por ser uma obra comercial, não há muito material acadêmico sobre o Conjunto Nacional de Brasília. Concebido como um espaço padrão, sem muita diversidade, o edifício acaba não se tornando atrativo para análises. A falta de diversidade e possibilidades de intervenções e ocupações diferentes encontrada no Conjunto Nacional e nos demais Shopping Centers se dá pela Estrutura Panóptica desses edifícios. Dilma Mesquita (2002), explica que tal estrutura, buscando criar a sensação de um ambiente seguro, acaba gerando ambientes limitadores: *“O Shopping-Panóptico (...) serve também como fonte das linhas mestras da conduta do bem-viver.”* O shopping é *“espaço máximo de contemplação”* (MESQUITA, 2002). Diante disso, o indivíduo torna-se mero espectador, e não ator. Essa contemplação, porém,

não se dá de forma reflexiva, e sim completamente passiva do que ocorre em seu entorno. Cria-se então uma oposição entre o dentro e o fora do edifício. Dentro tem-se o controle, e fora, o descontrole. Ou seja, dentro dos shopping, os indivíduos seguem limites que os padronizam. Do lado de fora, não existe esse limite, os indivíduos podem ter suas identidades e ações próprias. Mesquita compara o shopping ao conceito de *soft city*, de David Harvey (1992), um espaço “(...)sem conflitos, sem tensões(...)”, oposto ao *hard city*, “o local das diferenças, dos conflitos, do suposto caos.” (id.)



Imagem 11 - O átrio, comum em shoppings, permite a estrutura panóptica. Foto: Globaltec.

Mesquita questiona “*Como é possível transgredir, por exemplo, dentro de um shopping?*”. Não há tal possibilidade sem a conseqüente expulsão do local. Com todos os limites e a padronização desta tipologia, as ocupações e a construção simbólica dos shopping centers, entre eles o Conjunto Nacional de Brasília, são genéricas e bastante semelhantes. O CNB, porém, detém um significado especial para a capital, não sendo apenas um centro de compras, e sim um local central da cidade e ponto de encontro não só de Brasília, mas de todo o Distrito Federal.



Imagem 12 - Fluxo entre o Conjunto Nacional e a Rodoviária de Brasília. Foto: Flavio Cavalcanti.

4. MÉTODO

Para análise do Setor de Diversões Sul e Norte, foram feitos levantamentos acerca da história dos dois locais, buscando compreender suas transformações ao longo dos anos. O objetivo é apreender as disparidades atuais do Conic e Conjunto Nacional de Brasília sob a ótica de seus contexto histórico, apresentado anteriormente.

Diante do contexto histórico, foi possível estudar de forma mais aprofundada as dinâmicas do Conic e Conjunto Nacional, em relação a tipologia de seus edifícios e a forma como é usado por quem os frequenta. Com os estudos dos autores apresentados, Zevi, Ching, Lynch, Cullen e Lobato Corrêa, os Setores de Diversões Norte e Sul foram analisados como pequenos espaços urbanos. Suas circulações, “edificações” (estabelecimentos internos), usos e apropriações foram observados para melhor compreender as disparidades dos dois lados do Setor.

Utilizando imagens atuais e antigas, diagramas e comparações, traçou-se um paralelo entre os dois edifícios, buscando compará-los diante da análise dos autores. Devido a

impossibilidade de visitar o Conic durante a concepção da pesquisa, as imagens do local foram todas retiradas da internet.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO: ANÁLISE COMPARATIVA DO CONIC E DO CONJUNTO NACIONAL DE BRASÍLIA

5.1. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE BRUNO ZEVI

Zevi propõe diversos aspectos sob os quais a arquitetura pode ser analisada. História, economia, psicologia, etc. Diante da ótica da histórica, a narrativa construída para o Conic e o Conjunto Nacional de Brasília foram bem diferentes. Enquanto o primeiro começou como um local de elite e “decaiu” ao longo dos anos, criando um estigma para si, o Conjunto recebeu grande destaque desde seu início, como o primeiro shopping da capital. Do ponto de vista da economia, o Conjunto veio como um grande centro de compras, e por isso havia grande interesse econômico sobre o edifício. Com isso, a publicidade do local influenciou fortemente a opinião pública. A ideia de um espaço diferenciado de consumo atraía os brasilienses e contribuía para o ganho da Ancar Invoe, empresa administradora do shopping. O Conic, por outro lado, é uma área composta por pequenas lojas, bares e igrejas, gerenciados independentemente. Após a saída do comércio de elite no início dos anos 70, o espaço perdeu seu prestígio econômico e deu lugar para empreendimentos voltados para um público mais simples. Com isso, o interesse no Conic diminuiu.



Imagem 13 - Fachada do Conjunto Nacional em 1971. Foto: Correio Braziliense.

A interpretação materialista de Zevi fala sobre como as questões climáticas e geográficas influenciam na arquitetura. Como os dois edifícios estão locados sob o mesmo clima e na mesma cidade, esta não se aplica. A interpretação técnica diz respeito sobre a estética e a sensação passada ao observador. O Conic foi construído aos poucos. Seus 15 prédios foram levantados separadamente, seguindo cada um sua plástica em relação à fachada. O Conjunto Nacional, por ser um edifício só, tem um desenho mais uniforme. Com isso, a sensação de unidade e harmonia prevalece no Setor de Diversões Norte, se tornando mais esteticamente agradável para o observador, situação que não acontece no lado sul do Setor. Essa situação também se relaciona com a interpretação fisiopsicológica, em que a forma causa certas sensações no observador. Unidade, simetria e equilíbrio são questões que devem ser utilizadas no desenho arquitetônico a fim de extrair sensações positivas dos indivíduos.



Imagem 14 - Os 15 prédios do Conic e suas fachadas. Foto: Agenda Capital.

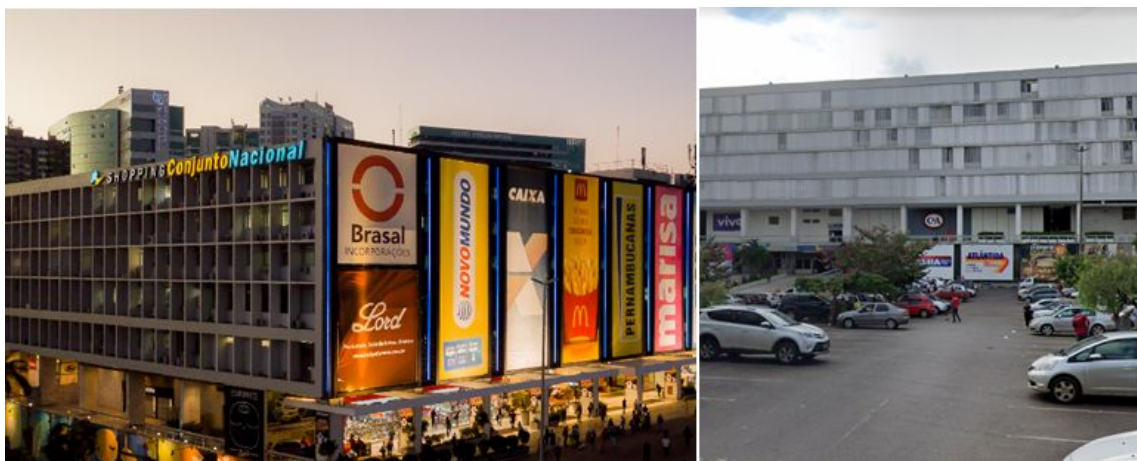


Imagem 15 - As três tipologias de fachada do Conjunto Nacional. As fachadas laterais têm as mesmas características. Foto: Ancar Invoe e Google Maps. Adaptado.

A interpretação espacial fala sobre o vazio interno da arquitetura. Internamente, Conic e Conjunto também sofrem das mesmas disparidades que seu exterior. Unidade, coesão e estética são conceitos que também se diferenciam na parte interna de ambos edifícios. Pelas mesmas razões citadas anteriormente, o interior do Conic não apresenta a uma unidade estética, comparando-se à uma área urbana, com ruas e passagens abertas e públicas. Tais áreas são públicas, por isso são livres para intervenções da população, como artes urbanas,

aplicação de lambe-lambes e cartazes. As passagens também estão sujeitas às intempéries e a sujeira. A circulação do Conjunto Nacional é de responsabilidade da administração do shopping, por isso encontra-se mais conservada e segue uma unidade. Zevi explica que o vazio está ligado aos efeitos psicológicos e sociais da arquitetura. Já foi analisado anteriormente como a questão da unidade e da estética impacta o psicológico do indivíduo. Em relação ao social, a estética e a tipologia dos dois prédios acaba estratificando seus usuários. Embora o Conjunto Nacional tenha uma parcela de lojas voltadas para classes mais pobres, a estética, os revestimentos utilizados e a presença de segurança privada acabam barrando certo tipo de usuário. O Conic, com suas características de ruas públicas e espaços abertos a circulação, além da tipologia de comércio, atrai outro tipo de público, mais jovem e menos voltado ao consumo.



Imagem 16 - Interior do Conjunto Nacional de Brasília. Foto: Comércio Brasília.

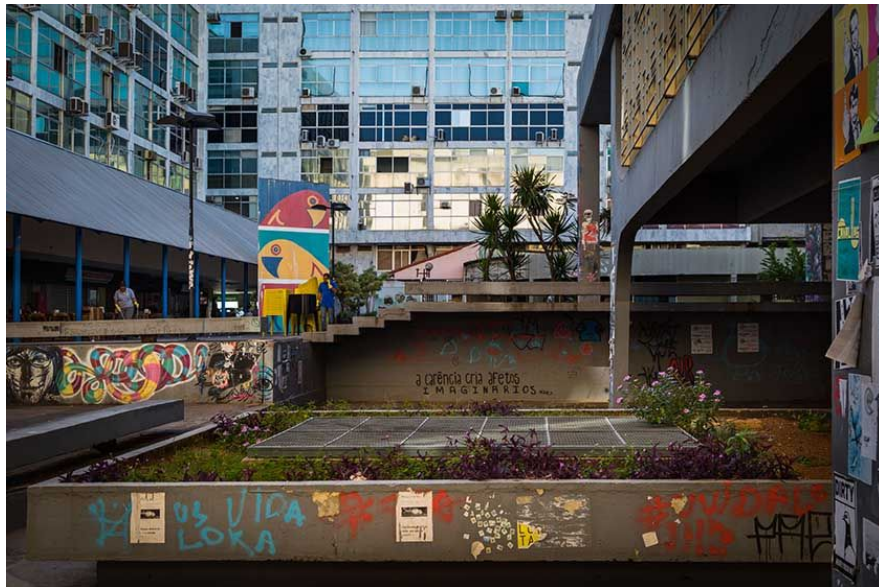


Imagem 17 - Ruas do Conic. Foto: Giovanna Bembom.

5.2. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE FRANCIS CHING

Ching descreve como elementos fundamentais podem transformar o desenho arquitetônico. Linhas, pontos e planos geram um projeto e o caracterizam, concebendo diferentes composições. Analisando o Conic e o Conjunto Nacional em relação a suas linhas, observa-se que ambos se caracterizam por um traçado horizontal, representando, segundo Ching, estabilidade.

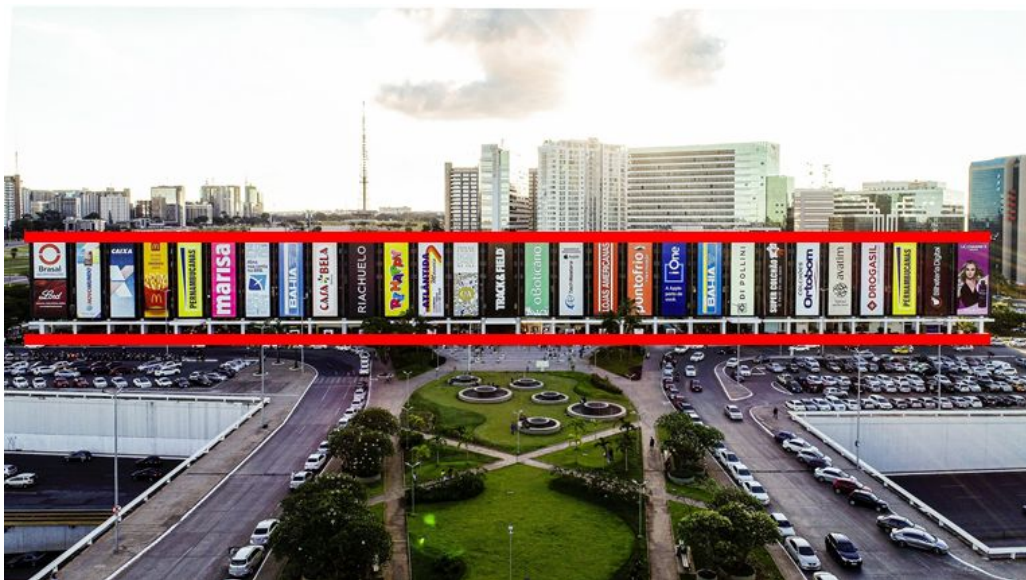


Imagem 18 - Linhas horizontais compõem ambos edifícios. Foto: Giovanna Bembom e Lainha Loiola. Adaptado.

Em relação aos planos, Ching os divide em plano de base (Solo e piso), plano das paredes e plano superior (Cobertura). O plano de base do Conic e Conjunto Nacional se diferem em relação a sua tipologia. Enquanto o Conjunto Nacional se embasa sobre seu plano de solo, assentando-se sobre ele, o Conic funde-se a esse plano, com seus estabelecimentos tendo acesso direto do passeio público. Por ser um único edifício, o projeto do Conjunto Nacional criou uma grande base para manter o prédio nivelado. Por outro lado, o Conic, sendo composto por diferentes edifícios, conta com acessos em diversos níveis do solo,

dependendo do nível térreo de cada prédio. O edifício Boulevard, por exemplo, tem seu acesso voltando tanto pelo Eixo Monumental quanto pela Eixo W.



Imagem 19 - Conjunto Nacional assentado sobre seu plano solo. Foto: Google Maps.



Imagem 20 - Conic integrado com o plano solo. Nota-se que a fachada voltada para o Eixo W é, na realidade, mais um pavimento dos edifícios integrados com o solo. Foto: Google Maps.

Adaptado.

Os planos de parede do Conjunto Nacional e da Fachada do Conic voltada para o Eixo W assemelham-se por serem planos soltos do piso, criando um passeio público. O recuo do plano das paredes térreas, mais notório no Conjunto, cria um plano superior que protege o passeio. Os pavimentos acima do térreo avançam e geram uma cobertura. Já no Conic, esse recuo pode ser melhor observado nos Edifícios Bacarat e Eldorado. Em relação as demais fachadas do Conic, os planos de parede se mostram como planos fechados, sem a integração com o exterior, como ocorre na fachada citada anteriormente. Mesmo com acesso a estabelecimentos, tais fachadas passam ao observador uma sensação de maior distanciamento.

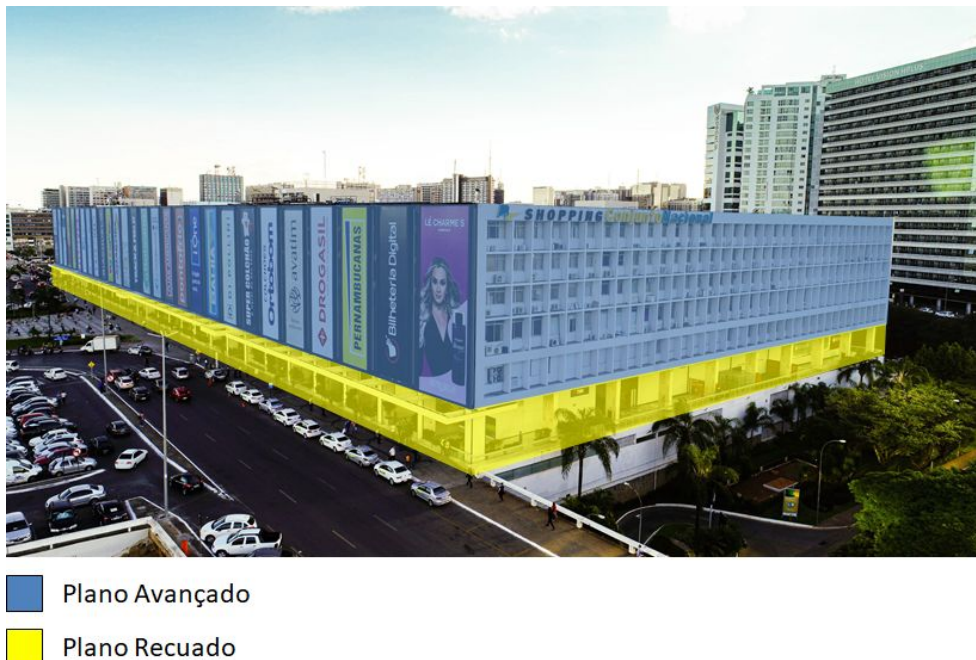


Imagem 21 - Planos das paredes do Conjunto Nacional. Foto: Jornal de Brasília. Adaptado.




-  Plano Avançado
-  Plano Recuado
-  Plano Fechado

Imagem 22 - Planos das paredes do Conic. Foto: Agenda Capital. Adaptado.

A composição de planos gera a forma do edifício. Ching classifica a forma em regular e irregular. Tal análise é referente ao desenho da planta baixa dos edifícios. Observando uma planta esquemático do conjunto de edifícios do Conic, percebe-se que a planta se dá pela disposição regular de formas regulares. Retângulos e quadrados são dispostos de forma ordenada para compor a planta baixa dos prédios.

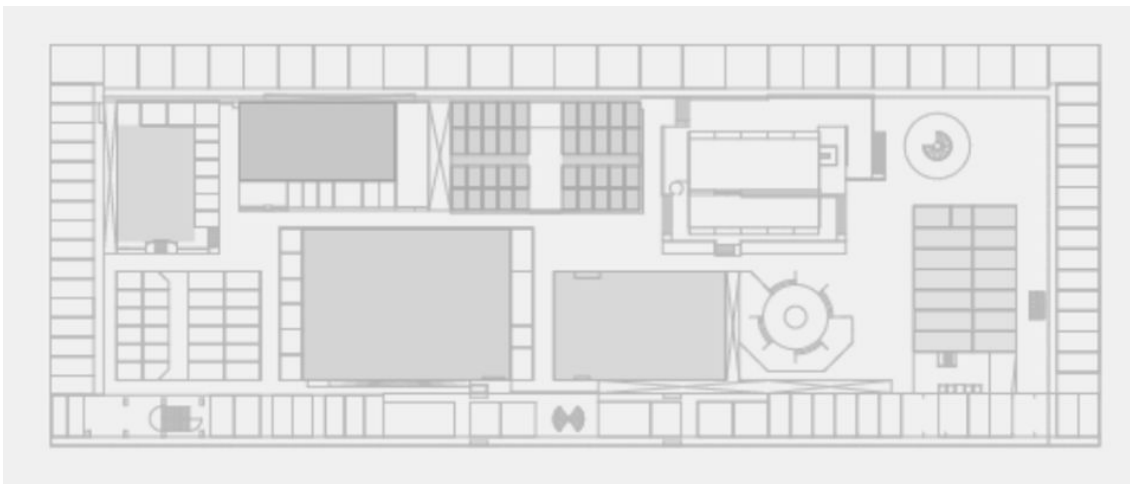


Imagem 23 - Planta baixa térrea do Conic. Fonte: REZENDE, 2014.

As plantas do térreo, primeiro pavimento e segundo pavimento, respectivamente, do Conjunto Nacional não tem a mesma regularidade, devido ao chanfro adicionado em algumas lojas e os quiosques espalhados pelo shopping. Com isso, tem-se uma disposição regular de formas irregulares e regulares.



Imagem 24 - Planta baixa térrea do Conjunto Nacional. Fonte: SOBRAL, 2020.



Imagem 25 - Planta baixa do 1º pavimento do Conjunto Nacional. Fonte: SOBRAL, 2020.

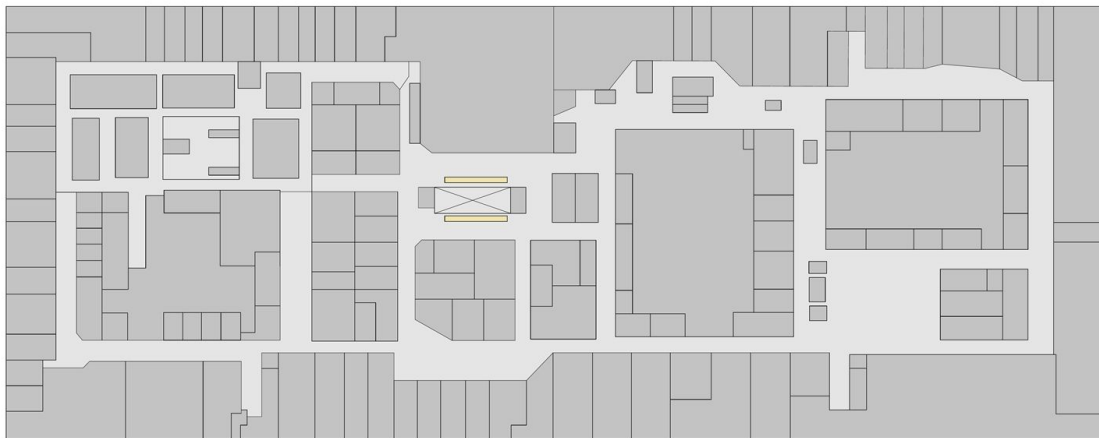


Imagem 26 - Planta baixa do 2º pavimento do Conjunto Nacional. Fonte: SOBRAL, 2020.

5.3. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE KEVIN LYNCH

Analisando os objetos de estudo, Conic e Conjunto Nacional de Brasília, sob o método de Kevin Lynch, pode-se traduzir os espaços internos dos dois edifícios com o vocabulário do autor. A imaginabilidade é uma característica atribuída por Lynch a espaços que evocam símbolos em seus observadores, possibilitando a criação de imagens mentais. Observando a área interna do Conic vê-se como suas passagens e estabelecimentos possuem características únicas. As áreas de circulação foram modificadas com a arte urbana e ocupadas com diferentes propósitos. Por ter sido palco de demonstrações artísticas e debates políticos ao longo de sua história, o Conic está marcado na memória de muitos brasilienses. Desde os anos 70, o conjunto de edifícios é abrigo de grupos que fogem ao padrão, como homossexuais, skatistas, artistas, etc. Com isso, o ambiente torna-se símbolo para esses indivíduos, criando imagens mentais do espaço. Por outro lado, o Conjunto Nacional, por ser um edifício privado, não pode ser palco de transformações e performances. Sendo o primeiro shopping de Brasília e contando com forte publicidade na época, é possível que os habitantes mais antigos da cidade tenham criado um significado para o prédio, porém hoje esse símbolo se dissolveu.



Imagem 27 - Demonstração artística no Conic. Foto: CUT Brasília.



Imagem 28 - Inauguração do Conjunto Nacional nos anos 70. Foto: Correio Braziliense.

Relacionada com a imaginabilidade está a legibilidade, característica de fácil leitura e compreensão de um espaço. A organização e a amplitude das circulações do Conjunto o tornam mais facilmente lido. A presença de placas indicativas e o campo de visão amplo gerado pela largura de seus corredores tornam o caminhar no local descomplicado. Com o Conic, suas vielas labirínticas fazem com que a leitura do espaço seja custosa. A presença de diferentes níveis cria planos distintos e contribui para o intrincado caminhar dentro do Conic.

Os elementos físicos presentes nesses espaços contribuem para a construção da imagem ambiental concebida por seus observadores. A circulação de um local é o elemento que marca mais notoriamente a imagem de um observador. Por meio dos demais elementos dispostos ao longo das vias de circulação, é possível criar uma imagem mais detalhada de um local. Em espaços internos, a circulação será relacionada com estabelecimentos, como a passagem em frente a cafeteria ou o corredor depois da loja de roupas. No Conjunto Nacional, essa relação é constante. Não há marcos dentro do shopping, por isso lojas e áreas convergentes, como a praça de alimentação e a área central do shopping, funcionam como pontos de encontro e referências. Vias que dão acesso as torres de escritórios ou a lojas grandes e consolidadas são mais usadas, e por isso, mais lembradas por seus usuários.



Imagem 29 - Placas indicativas no Conjunto Nacional. Foto: Google Maps.

A circulação do Conic se dá pelo espaço negativo criado pelo conjunto de prédios no Setor de Diversões Sul. Estabelecimentos consolidados, igrejas e demais estabelecimentos convergentes também funcionam como referências e marcos. Porém, diferente do shopping, no Conic é possível encontrar marcos e pontos nodais mais evidentes. A Praça do Chapéu é um ponto nodal, e a estrutura presente nela funciona como um marco. O fosso do Edifício Darcy Ribeiro também se configura como um ponto nodal, por concentrar skatistas. Observando o Conjunto Nacional, também é possível encontrar pontos nodais. A praça de alimentação e a área central do shopping, utilizada como espaço de vendas ou com estruturas especiais em data comemorativas, caracterizam-se como pontos de encontro, convergindo grande parte do fluxo de usuários do edifício.



Imagem 30 - Praça do Chapéu. Foto: Airton Costa Junior.



Imagem 31 - Fosso do Edifício Darcy Ribeiro. Foto: Rogério Rezende.



Imagem 32 - Praça de Alimentação do Conjunto Nacional. Foto: Olavo Luiz.



Imagem 33 - Área central do Conjunto Nacional decorada para o natal. Foto: Conjunto Nacional.

5.4. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE GORDON CULLEN

O método de Gordon Cullen analisa o espaço de acordo com as percepções do observador, pensando em como este se relaciona com o ambiente. A visão sequencial é um dos termos utilizados pelo autor para estudar o espaço. A forma como o ambiente se revela em camadas à medida que o observador caminha por ele cria um jogo de imagens. Observando um percurso no pavimento térreo do Conjunto Nacional pode-se compreender a visão sequencial.

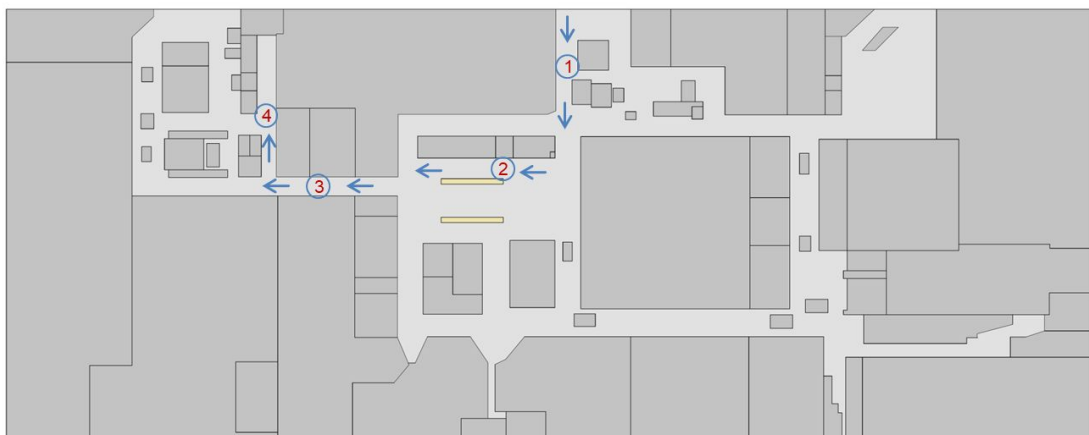


Imagem 34 - Mapa do percurso no CNB analisando a visão sequencial. Fonte: SOBRAL, 2020.





Imagem 25 - Visão sequencial no CNB. Fotos: SOBRAL, 2020.

O mesmo ocorre no Conic:

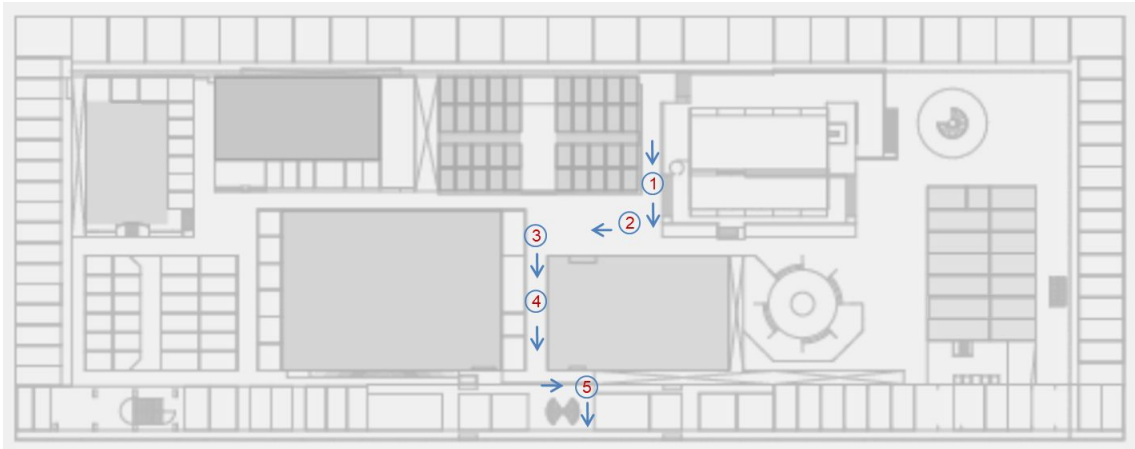
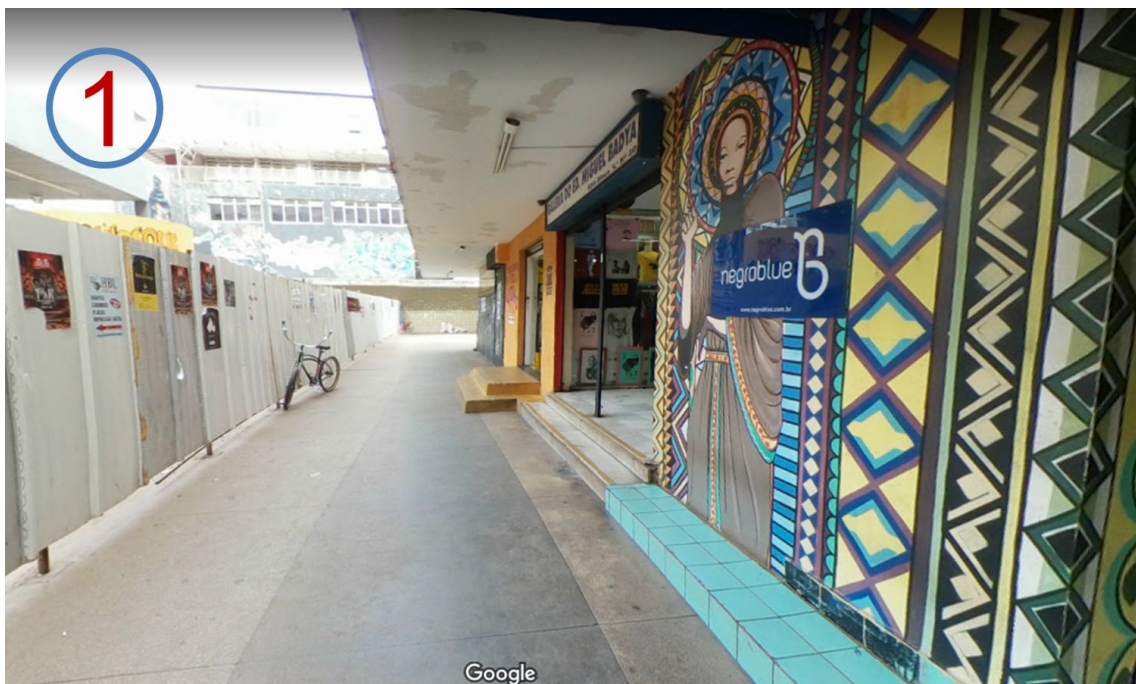


Imagem 36 - Mapa do percurso no Conic analisando a visão sequencial. Fonte: REZENDE, 2014. Adaptado.



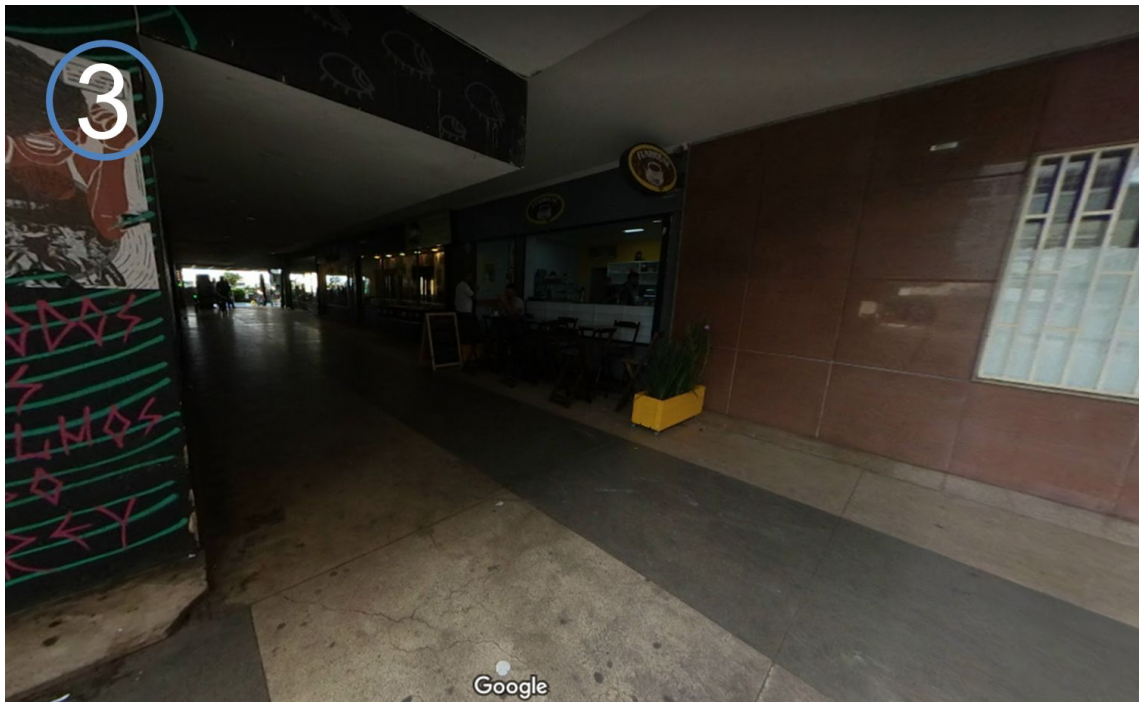
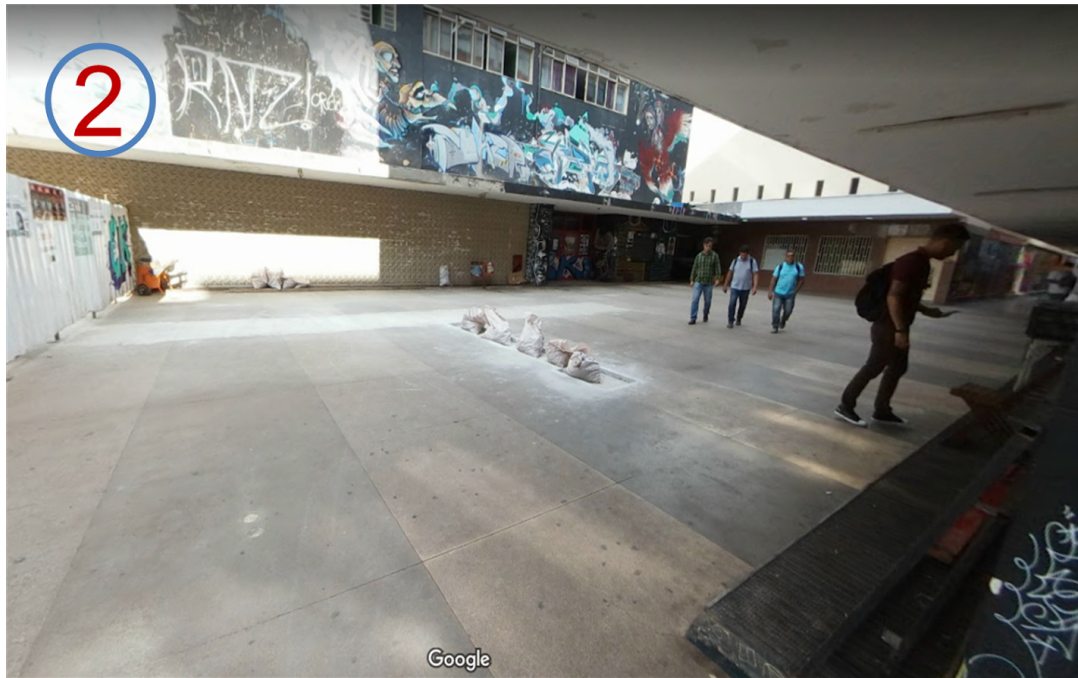




Imagem 37 - Visão sequencial no Conic. Fotos: Google Maps. Adaptado.

Tal sucessão de paisagens confere um efeito dramático ao passeio, com a sensação de estar desvendando um mistério, como comenta Cullen, “de poder vir a descobrir sempre mais alguma coisa se continuarmos a andar”. A observação sequencial está associada ao conceito

de “Aqui e Além”, em que de uma camada do espaço é possível vislumbrar a seguinte. Em uma praça aberta do Conic é possível notar o aqui e além (esse grifado na cor verde).



Imagem 38 - Aqui e Além no Conic. A área verde representa o “Além”. Foto: Google Maps.

Adaptado.

Essa vista não traz apenas um além, mas vários, como os tons de verde na imagem seguinte mostram.



Imagem 39 - Os diversos “Aléns” do Conic. Foto: Google Maps. Adaptado.

Com o Conjunto Nacional de Brasília, o mesmo ocorre. Espaços abertos como praças e áreas de estar demonstram mais facilmente a ideia de Aqui e Além, devido a amplitude do campo de visão possibilitada pelo tamanho do ambiente. Limites de interior/exterior, com as circulações e lojas, e continuidade espacial, com o avanço de um outro volume criado pelos estabelecimentos são situações presentes nos setores de diversões que levam ao Aqui e Além.



Imagem 40 - Avanço do volume da Igreja Universal no Conic, interrompendo a continuidade espacial. Foto: Google Maps.

Em relação a ocupação dos espaços, nota-se que o Conjunto Nacional cria locais específicos para serem ocupados de forma “permanente” (leia-se por mais tempo). Marcações no piso com revestimentos diferentes e mobiliários criam espaços de estar dentro do shopping, gerando áreas estáticas e equipadas, como caracteriza Cullen. A apropriação pelo movimento se dá em áreas opostas às descritas anteriormente, se caracterizando como “áreas de não permanência” no shopping. São os corredores por onde os visitantes circulam.



Imagem 41 - Área de estar do Conjunto Nacional. Foto: Keiji K.

Alguns espaços são privilegiados, como as áreas próximas a Via ERW e locais com estabelecimentos que vendem alimentos, como a praça de alimentação. A Viscosidade é o que melhor caracteriza o Conjunto Nacional. Tanto a apropriação estática quando a por movimento estão fortemente presentes no local, lhe conferindo um carácter vivo e fluido.



Imagem 42 - Praça de alimentação do Conjunto Nacional. Foto: Stella Alves.



Imagem 43 - Fachada do Conjunto Nacional voltada para a ERW. Foto: Luiz de Sousa.

A apropriação estática no Conic é demarcada de certa forma pelos estabelecimentos alimentícios. Cafés e restaurantes distribuem mesas em frente a suas lojas, que são ocupadas por clientes. Esses mobiliários não são fixos e também não há outro tipo de delimitação nesses espaços. A Praça do Chapéu é um elemento mais forte de limitação de espaço para apropriação estática. Sua cobertura característica cria uma área de sombra, convidando visitantes a descansar. O local também é ocupado por feirantes de artesanatos e eventos.



Imagem 44 - Planos das paredes do Conic. Foto: Lucas Veloso.

Outro ponto de apropriação estática é o fosso do Edifício Darcy Ribeiro, ocupado por skatistas. O grupo utiliza o local para praticar o esporte e para socializar. Assim como na maior parte do Conic, também não demarcação de apropriação estática nessa área. Com a falta de mobiliário, elementos como guarda-corpos, escadas e o próprio piso são utilizados como assentos. A falta de espaços próprios para apropriação estática se dá pelo fato de que, ao contrário do Conjunto Nacional, as áreas de circulação do Conic são públicas e não recebem o devido tratamento e infraestrutura.



Imagem 45 - Planos das paredes do Conic. Foto: Rogério Rezende.

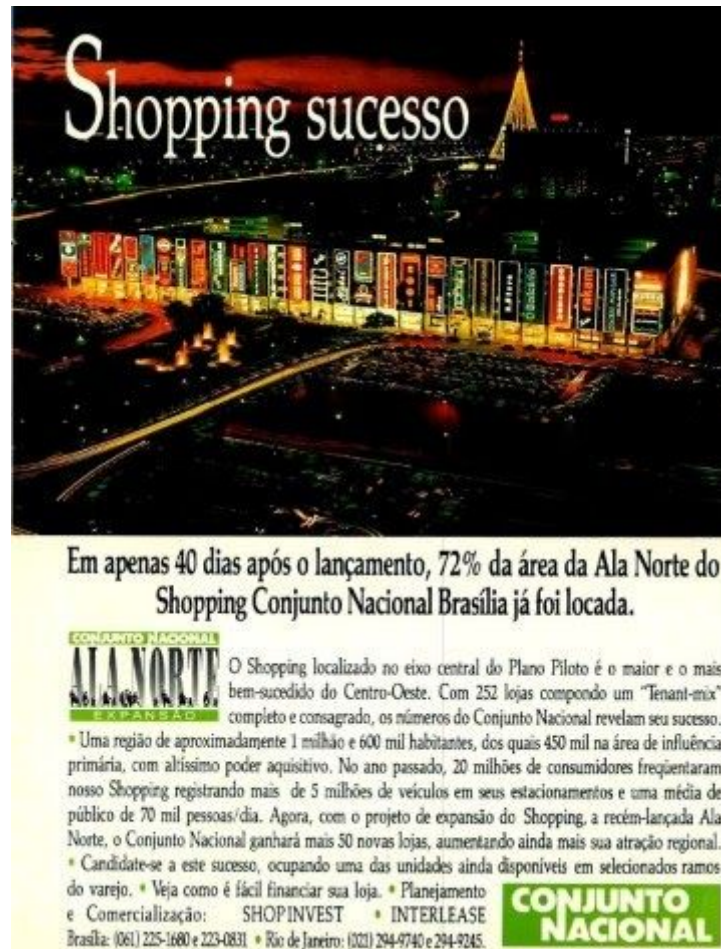
5.5. ANÁLISE COMPARATIVA DIANTE DE ROBERTO LOBATO CORRÊA

Em seu trabalho, Corrêa apresenta os diversos atores que interferem no desenho da cidade. Os agentes dominantes tiveram forte influência na construção dos Setores de Diversões Sul e Norte. Os promotores imobiliários, aqueles que comercializam e constroem edificações (construtoras, arquitetos, imobiliárias e financiadores), têm uma predisposição à focar em construções de maior status. Tal tipologia de projeto é preferida por ser mais rentável. A constante criação e renovação de edificações de maior padrão acaba gerando segregação social, ao deixar-se de lado uma arquitetura voltada também para as classes mais pobres.

Pode-se ver como essa dinâmica afeta os setores de diversões de Brasília. No início da história do Conic, quando seus estabelecimentos eram voltados para a elite, com cafés, restaurantes e lojas que serviam as embaixadas e demais órgãos governamentais lá instalados, a área tinha maior prestígio. Porém, ao longo dos anos e de diversas transformações do espaço, o Conic perdeu seu status e, com isso, o privilégio de receber atenção de promotores imobiliários e do Estado.

No Setor de Diversões Norte, tem-se um complexo comercial. Com intenso fluxo de pessoas e grandes marcas ocupando o edifício, além das torres de clínicas, o Shopping Conjunto

Nacional foi desde o início visto como uma construção rentável. Diante disso, o Setor de Diversões Norte constantemente recebe melhorias para manter seu status.



Shopping sucesso

Em apenas 40 dias após o lançamento, 72% da área da Ala Norte do Shopping Conjunto Nacional Brasília já foi locada.

CONJUNTO NACIONAL ALA NORTE EXPANSÃO

O Shopping localizado no eixo central do Plano Piloto é o maior e o mais bem-sucedido do Centro-Oeste. Com 252 lojas compondo um "Tenant-mix" completo e consagrado, os números do Conjunto Nacional revelam seu sucesso.

- * Uma região de aproximadamente 1 milhão e 600 mil habitantes, dos quais 450 mil na área de influência primária, com altíssimo poder aquisitivo. No ano passado, 20 milhões de consumidores frequentaram nosso Shopping registrando mais de 5 milhões de veículos em seus estacionamentos e uma média de público de 70 mil pessoas/dia. Agora, com o projeto de expansão do Shopping, a recém-lançada Ala Norte, o Conjunto Nacional ganhará mais 50 novas lojas, aumentando ainda mais sua atração regional.
- * Candidate-se a este sucesso, ocupando uma das unidades ainda disponíveis em selecionados ramos do varejo. * Veja como é fácil financiar sua loja. * Planejamento e Comercialização: SHOPINVEST * INTERLEASE

Brasília: (061) 225-1680 e 223-0831 * Rio de Janeiro: (021) 294-9740 e 294-9245.

CONJUNTO NACIONAL

Imagem 46 - Publicidade do Shopping Conjunto Nacional. Fonte: Veja.

O Estado tem o poder de decidir em que áreas urbanas investir, levado sempre em consideração o interesse dos agentes dominantes. Procurando estimular a ocupação do Setor de Diversões Sul, a NOVACAP apressou as obras do Conic. Deixando de fazer a devida vistoria na construção dos edifícios que compõem o local, a companhia deixou passar muitos erros construtivos e, conseqüentemente, espaços desconfortáveis. Um exemplo são as passagens labirínticas do Conic (REZENDE, 2014. p.49). Tal fato se deu pelas constantes modificações de projeto e falta de fiscalização das obras. Espaços que seriam de serviços tornaram-se áreas de circulação.

Com o Conjunto Nacional, o grupo Ancar Ivanhoe concebeu o projeto, juntamente com o arquiteto Nauro Esteves, de modo que houvesse maior estímulo de locações de lojas e posterior fluxo de clientes, lembrando da estética do edifício interna e externamente.



Imagem 47 - Inauguração do Conjunto Nacional. Foto: Shopping Conjunto Nacional.

Os grupos socialmente excluídos transformam os espaços que não recebem atenção do Estado e demais grupos dominantes. No caso do Conic, esses grupos criam diversas ações, dando carácter aos locais que frequentam. Sendo um espaço aberto, onde é possível passar e ocupar mais livremente, intervenções artísticas e culturais trazem uma marca mais jovem e despojada ao Conic. O mesmo não ocorreria no Conjunto Nacional, em que qualquer intervenção deve passar pela aprovação da administração do shopping.

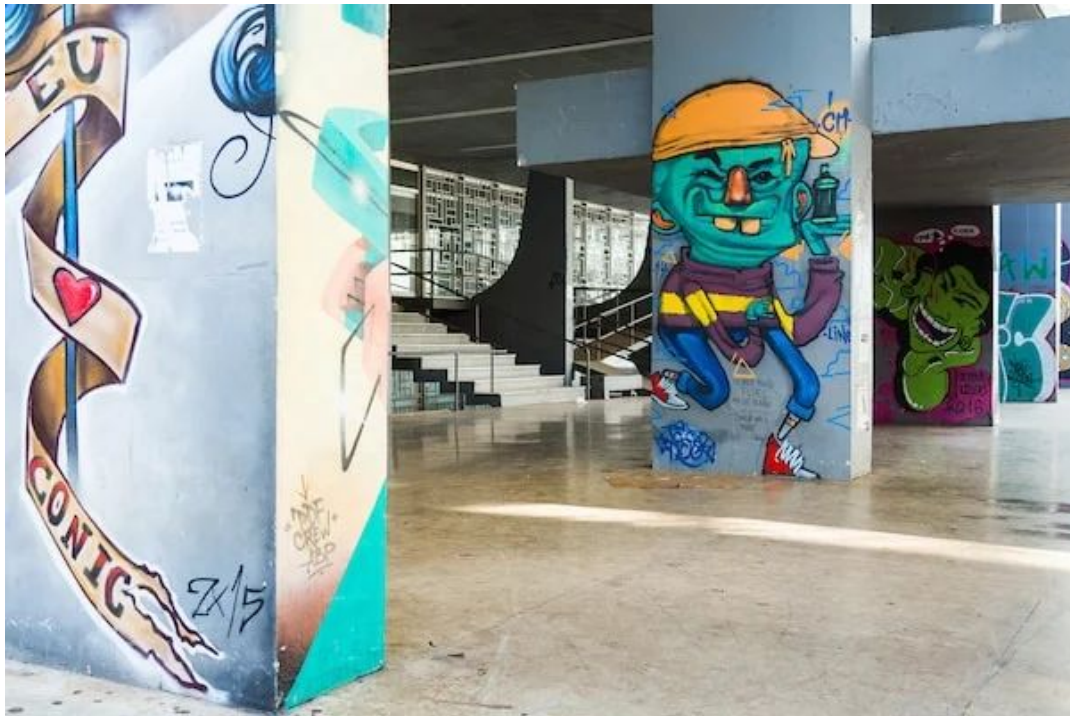


Imagem 48 - Intervenção artística no Conic. Metropoles.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu evidenciar similaridades e diferenças entre os Setores de Diversões Sul e Norte. Tais constatações foram possíveis a partir de análises conduzidas pelo trabalho de autores como Bruno Zevi, evidenciando as múltiplas interpretações possíveis; Francis Ching, focando na morfologia; Kevin Lynch, analisando características gerais ou reaplicáveis do espaço; Gordon Cullen, analisando características específicas; e Roberto Lobato Corrêa, trazendo assimilações do espaço a parte dos grupos de atores a ele vinculados. Mais que a morfologia, vários outros aspectos de fato influenciam na apropriação do espaço, como a condução da pesquisa permitiu constatar. Tal como expresso no título desta pesquisa, apesar de a análise morfológica de um espaço ser a mais convencional das abordagens arquitetônicas, os estudos de pesquisa mostraram a necessidade de se pensar em outras apropriações do espaço de modo a enriquecer a sua compreensão.

Essas várias possibilidades de análise do espaço aqui experimentadas a partir da análise dos autores acima elencados e aplicados nos dois objetos estudados, Conic e Conjunto Nacional, nos evidencia a complexidade e importância do espaço. Comparando os objetos de estudo a partir de seu histórico foi possível compreender as diferentes influências que incidiram sob os mesmos ao longo dos anos, tal como as distintas assimilações com o tempo relacionadas ao Conic e Conjunto Nacional. Com isso, entendeu-se de onde e por que surgiram os significados projetados por vários grupos da sociedade sobre esses dois espaços. Partindo do método de estudo proposto pelos cinco autores estudados nesta pesquisa e citados acima, os espaços do Conic e do Conjunto Nacional puderam ser observados sob diferentes óticas e possibilidades de leitura do espaço. Esses variados ângulos pelos quais os objetos são estudados possibilitam compreensões interdisciplinares e complementares. Assimilando e utilizando a proposta de análise espacial valorizada por cada um desses autores, foi possível entender mais amplamente os espaços estudados, em suas várias dimensões.

Sintetizando essas análises, pode-se aqui especificar que as formas que compõem os edifícios do Conic e do Conjunto Nacional de Brasília são muito semelhantes: Polígonos regulares implantados horizontalmente no tecido de Brasília. O tratamento e a manutenção das fachadas e dos edifícios como um todo contribuiu para a visão que se tem dos dois setores, sendo o primeiro visto negativamente e o segundo, positivamente. Além disso, as características próprias das tipologias dos edifícios também alimenta o conceito que os brasilienses detém sobre eles. Enquanto o CNB é um shopping center, local seguro e elitizado, o Conic é um conjunto de galerias sem limites e padrões (tanto estéticos quanto de ocupações.) A análise histórica e dos agentes presentes na concepção desses espaços cria um ciclo para a simbologia presente nos mesmos. Um local visto positivamente é melhor conservado a fim de manter seu status, preservando sua estima. Já um local estigmatizado é deixado de lado, afinal não há porque conservar algo não apreciado pelos demais. Nota-se que é preciso romper com esse ciclo, pensando não em preservar somente aquilo que é apreciado, mas sim em transformar espaços buscando sua estimativa.

Por fim, espera-se que este estudo contribua com informações e assimilações dos espaços analisados, assim como possa auxiliar em trabalhos futuros sobre estes mesmos objetos de investigação ou outros espaços, de maneira a também gerarem conhecimento e reflexões, quer seja sobre o Conic e o Conjunto Nacional, quer seja sobre outros espaços em Brasília ou mesmo em outra localidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, L. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. In F. LEITÃO, Brasília, 1960-2010. Brasília. 1957.

COSTA, L. **Anexo I do Decreto nº 10.829/1987** - GDF e da Portaria nº 314/1992 - Iphan. 1958.

REZENDE, R. Dissertação de Mestrado: **Centro de Brasília: projeto e reconfiguração: O caso do Setor de Diversões Sul – Conic**. Brasília: Universidade de Brasília - UnB. 2014.

ZEVI, B. **Saber Ver a Arquitetura**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1996. 286p.

ADAM, R. **Analisando o Conceito de Paisagem Urbana de Gordon Cullen**. da Vinci, Curitiba, v. 5, n. 1, p.61-68. 2008.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes. 1997. 227p.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. São Paulo: Edição 70. 2007. 208p.

CORRÊA, R. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática. 1989. 94p.

MESQUITA, D. **Shopping Center: a cultura sob controle: As relações atuais entre literatura e sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha. 2002. 124p.

LEITÃO, F. (Org.)...[et.tal]. **Brasília 1960 2010: Passado, presente e futuro**. - Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009. 272p.

CHING, F. **Arquitetura: Forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1978. 399p.

CONTAIFER, J. **Setor de Surpresas Sul**. Revista do Correio , Brasília, n.568, p. 22-29, 3 abr. 2015.

VISITE BRASÍLIA. **Shopping Conjunto Nacional**. [S. l.],[S. d.]. Disponível em: <https://visitebrasil.com.br/shopping-conjunto-nacional/>. Acesso em: 08 set. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. **Amanhã você vai conhecer um Super Shopping: O Conjunto Nacional Brasília**. Brasília, 2020. Disponível em https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/03/22/interna_cidadesdf,835593/inauguracao-conjunto-nacional-brasil.shtml. Acesso em: 10 abr. 2020

MENDES GARCIA, C. **Construindo Brasília**. Senatus, Brasília, v. 8, n. 1, abr. 2010. Artigos, p. 202-211. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/184700>. Acesso em: 10 ago. 2020.